

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Anderson Vargas Torres

Petebismo, radicalização política e reformismo social em Canoas/RS (1961-  
1964)

Porto Alegre, 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Anderson Vargas Torres

Petebismo, radicalização política e reformismo social em Canoas/RS (1961-  
1964)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a conclusão do  
curso de Licenciatura em História da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Profa. Dra. Carla Brandalise

Porto Alegre, 2012

Dedico este trabalho à memória de Mauro Nunes Vargas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, aos meus pais, João Carlos e Nara Regina, por terem me proporcionado boa educação e um ótimo convívio. Sei que às vezes sou um filho “chato”, mas sou grato demais a tudo que fizeram por mim.

À Kamila, que, ao longo dos últimos seis anos, tem me acompanhado como muito mais do que uma namorada: uma companheira de todos os momentos, nas horas boas e ruins, e me apoiando sempre que possível, obrigado por me aturar!

Quero agradecer também a UFRGS e aos professores com quem tive a oportunidade de aprender, principalmente a alguns deles, que por um motivo ou outro, foram essenciais na minha formação: Anderson Zalewski Vargas, Carla Beatriz Meinerz, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, Regina Célia Lima Xavier, Adolar Koch, Renê Gertz, Benito Bisso Schmidt, Álvaro Antônio Klafke e claro, a minha orientadora Carla Brandalise, a quem sempre serei grato pela oportunidade dada na bolsa de IC que participei e que tem como resultado este trabalho, e pelo aprendizado.

Agradeço o auxílio ao longo deste trabalho de Odilon Caldeira Neto, Graziane Righi, Celiane Witt, Maura Bombardelli e Douglas Angeli.

Aos meus colegas da /07, principalmente ao pessoal do AZ pelas partidas de futebol, e aos colegas da /08 e 09 que se formarão comigo.

Agradeço aos ex-vereadores que concederam entrevista e que ajudaram demais na construção desta monografia: Mussoline La Roque, Luiz Pereira de Souza e Antônio Canabarro Três Filho.

Enfim, a toda a minha família, a cidade Canoas – objeto deste estudo – aos Beatles, ao The Who ao *Two and a Half Men* e a todos e tudo mais que faz parte da minha vida.

A todos, muito obrigado!

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens.

Marc Bloch

## RESUMO

O período compreendido entre a renúncia de Jânio Quadros à presidência da República, a eclosão do Movimento da Legalidade e o golpe civil-militar de março/abril de 1964 é marcado por acirrados conflitos entre diferentes grupos sociais no cenário político e social brasileiro. O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) atuou nesse contexto na defesa das *Reformas de Base* e do *nacionalismo*, fomentando movimentos sociais reformistas que interpelavam ou eram promovidos por camponeses, sindicatos, estudantes e subalternos militares. No Rio Grande do Sul, sob a liderança de Leonel Brizola, grande parte dessas organizações aglutinaram uma série de projetos e ideias e passaram a defendê-las de forma cada vez mais radicalizada, confrontando-se na arena política com as oposições conservadoras. A partir desse contexto, o presente trabalho visa analisar as repercussões dessa radicalização política junto às lideranças político-partidárias no município de Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Canoas era, naquele momento, uma cidade com significativo contingente de operários entre seus moradores, sendo uma localidade com eleitorado majoritariamente trabalhista e que apresenta, a partir de suas lideranças políticas, adesão aos projetos reformistas mais radicais. A radicalização aqui será entendida como uma forma de luta política dentro do campo político brasileiro. Pretende-se entender como a radicalização foi recebida, apropriada e utilizada pelos líderes político-partidários daquela localidade. A metodologia aqui utilizada é a leitura e análise qualitativa das atas da Câmara Municipal de Canoas entre 1961 e 1964. Além da fonte legislativa, serão igualmente empregadas na pesquisa as atas do Diretório Municipal do PTB em Canoas, entre 1962 e 1964; dois periódicos canoenses da época: *O Gaúcho* e *Gazeta de Notícias*; entrevistas realizadas com testemunhos da época e documentação do poder executivo local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Partido Trabalhista Brasileiro. Radicalização Política. Golpe Civil-Militar de 1964. Leonel Brizola. Canoas. Governo João Goulart (1961-1964).

## LISTA DE SIGLAS

ADP – Ação Democrática Popular  
ARENA – Aliança Renovadora Nacional  
ARS – Aliança Republicana Socialista  
CGT – Comando Geral dos Trabalhadores  
DOPS – Departamento de Ordem Pública e Social  
FCC – Fundação Cultural de Canoas  
FD – Frente Democrática  
FMP – Frente de Mobilização Popular  
FPN – Frente Parlamentar Nacionalista  
FRIGOSUL – Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros Ltda.  
MDB – Movimento Democrático Brasileiro  
MTR – Movimento Trabalhista Renovador  
NUPERGS – Núcleo de Pesquisa e Documentação da Política Rio-Grandense  
PCB – Partido Comunista Brasileiro  
PDC – Partido Democrata Cristão  
PL – Partido Libertador  
PRP – Partido da Representação Popular  
PSB – Partido Socialista Brasileiro  
PSD – Partido Social Democrático  
PSP – Partido Social Progressista  
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro  
REFAP – Refinaria Alberto Pasqualini  
SABETRAN – Sociedade de Amigos e Beneficente dos Trabalhadores de Niterói  
SAVIN – Sociedade dos Amigos da Vila Industrial  
STF – Superior Tribunal Federal  
SUPRA – Superintendência de Reforma Agrária  
TRE/RS – Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul  
UCE – União Canoense dos Estudantes  
UDN – União Democrática Nacional  
UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UNISINOS – Universidade do Vale dos Sinos  
UNE – União Nacional dos Estudantes

UPHAM/AHC – Unidade de Patrimônio Histórico do Arquivo e Museu/ Arquivo  
Histórico de Canoas



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Profissões dos membros do Diretório Municipal do PTB/Canoas.....	23
<b>Quadro 2:</b> Prefeitos de Canoas (1939-1969) .....	36
<b>Quadro 3:</b> Eleições para governador do Rio Grande do Sul – 7/10/1962.....	39
<b>Quadro 4:</b> Eleições para governador do Rio Grande do Sul – resultados em Canoas ..	39
<b>Quadro 5:</b> Câmara de Vereadores de Canoas – 4º Legislatura (1959 – 1963).....	44
<b>Quadro 6:</b> Câmara de Vereadores de Canoas – 5º Legislatura (1964-1969) .....	49

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A CANOAS QUE SURGE NOS ANOS 60: INDUSTRIALIZAÇÃO E VIDA POLÍTICA.....	17
1.1. Uma cidade em processo de industrialização .....	17
1.2. O PTB canoense: um reflexo da industrialização da cidade.....	20
2. A RADICALIZAÇÃO EM CANOAS .....	26
2.1. A Câmara municipal discute a reforma agrária .....	26
2.2. As crises do Governo Goulart sob o olhar dos vereadores canoenses.....	29
2.3. Petebismo e antipetebismo na Câmara: as eleições de 1962 e o duelo Medeiros/ Wurth.....	33
2.3.1. O Governo Meneghetti e as repercussões entre os vereadores .....	40
2.4. “se a oposição quer luta, os trabalhistas entrarão nela”: a radicalização na disputa municipal de 1963.....	42
2.4.1. A pequena revolução redentora de Lagranha: a administração do PSD e os conflitos com o PTB .....	44
3. O BRIZOLISMO ENTRE OS TRABALHISTAS CANOENSES .....	50
3.1. Brizola, cidadão de Canoas: o Movimento da Legalidade e suas repercussões ...	50
3.2. A adesão ao radicalismo brizolista: o papel de Edson de Medeiros como líder petebista radical no legislativo canoense .....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
FONTES CONSULTADAS.....	63
BIBLIOGRAFIA .....	65
ANEXOS.....	68

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

O período entre a renúncia de Jânio Quadros à presidência do Brasil, em agosto de 1961, e o golpe civil-militar de março/abril de 1964 foi marcado por grandes conflitos no cenário político e social brasileiro. Grosso modo, de um lado, temos a defesa de mudanças na estrutura social brasileira, através das Reformas de Base; de outro, setores sociais dispostos a manter o *status quo*. A partir deste contexto, tornou-se inevitável o embate entre grupos opostos quanto aos rumos a serem tomados pelo Brasil.

O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), organização à qual pertencia o então presidente João Goulart, apresentou um papel decisivo neste momento histórico: foram, em grande parte, suas lideranças que assumiram as bandeiras do reformismo social e do nacionalismo e passaram a lutar de maneira cada vez mais radical por tais mudanças ao lado de outros movimentos sociais como sindicatos, associações de militares subalternos, estudantes, camponeses, etc.

Nesse contexto, Leonel Brizola, outra liderança trabalhista, ganhou destaque por suas ações cada vez mais extremadas: sua atuação no Movimento da Legalidade o alçou ao papel de líder nacionalista e reformista do período, adotando uma postura de confronto com a oposição e também com o próprio presidente João Goulart na defesa das reformas de base. Tal posição desafiadora de Brizola influenciou inúmeros trabalhistas, que aderiram ao que Ferreira (2007) chamou de “estratégia de confronto”.

Entendendo a radicalização política como uma luta limítrofe dentro do campo político brasileiro e gaúcho daquela época, procura-se analisar aqui as repercussões deste processo junto aos líderes político-partidários trabalhistas do município de Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre/RS. Naquele momento, Canoas procurava transformar-se em um município industrializado, embora ainda fosse caracterizada como uma cidade “dormitório”<sup>2</sup>. De qualquer forma, era visível que a maioria da população canoense era composta de trabalhadores operários (Viegas, 2011), logo, eleitores em potencial do projeto do PTB<sup>3</sup>. Não surpreendem, neste caso, as

---

<sup>1</sup>A presente monografia integra o Projeto intitulado: *A experiência democrática no Rio Grande do Sul e a Radicalização do PTB na década de 1960*, coordenado pela Professora Dra. Carla Brandalise (UFRGS) e pela professora Dra. Marluza Harres (UNISINOS), do qual participei como bolsista de Iniciação Científica (BIC/UFRGS). O projeto visa realizar um mapeamento da Região Metropolitana quanto às relações dos diretórios municipais diante da radicalização do partido, regionalmente e nacionalmente.

<sup>2</sup>Mais detalhes quanto a esse tema no Capítulo 1 desta monografia.

<sup>3</sup>Autores como Gomes (2007), Delgado (1989) e D’Araújo (1996) ressaltam que o PTB voltou-se para o eleitorado trabalhador sob influência da ideologia trabalhista de Vargas, advinda do Estado Novo.

votações expressivas que os trabalhistas atingiam no município: por exemplo, em 1958, Brizola recebeu 75% dos votos válidos na eleição para governador do estado<sup>4</sup>. Enfim, o trabalhismo e o PTB tinham muita força em Canoas, especialmente nas eleições estaduais e nacionais, já que não se repetiam tão claramente nas eleições municipais.

Orientado pela *teoria do campo político*<sup>5</sup> desenvolvida por Pierre Bourdieu (1989), busca-se compreender como a radicalização- enquanto uma forma de luta dentro do campo político- interage com situações recorrentes na documentação pesquisada relativa à Canoas: a adesão dos trabalhistas locais ao reformismo e ao nacionalismo brizolista e as posições tomadas pelo outro lado da luta, a oposição liberal-conservadora municipal. Enfim, como a radicalização política foi recebida e apropriada<sup>6</sup> pelas lideranças político-partidárias trabalhistas de Canoas e como foi utilizada na luta política em nível local.

A intenção, a partir desta base teórica, é relacioná-la com o que ocorre em nível regional e local. Ou seja, de que forma o campo político nacional se expressa em Canoas e no Rio Grande do Sul, dando ênfase no nível local. Em outras palavras, busca-se refletir sobre como a radicalização - entendida como uma das formas possíveis de luta dentro do campo político - é apropriada pelas lideranças trabalhistas de Canoas.

Com relação à atuação de Leonel Brizola, cabe dizer que sua liderança nos movimentos reformistas e nacionalistas foi evidente, principalmente após o Movimento da Legalidade. Sua postura neste evento lhe forneceu capital político para propor as ideias-forças – no caso, o reformismo social e o nacionalismo – e mobilizar parcelas da sociedade em torno delas, sempre tendo em vista as propostas da concorrência oposicionista, que, por seu turno, visava manter o *status quo* (ou mudá-lo a partir de uma perspectiva conservadora). Para explicar as ações de Brizola e suas relações com o trabalhismo no município de Canoas, será aqui utilizado o conceito de *brizolismo* formulado por Sento-Sé (1999):

---

<sup>4</sup> Arquivo TRE/RS, Livro I, apuração das eleições de 1958.

<sup>5</sup> Segundo Bourdieu, o campo político é: “O lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de “consumidores”, devem escolher, com probabilidades de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção.” (BOURDIEU, 1989, p. 164).

<sup>6</sup> O conceito de apropriação aqui utilizado é o que fora definido por Roger Chartier (2002): para o autor, os livros, por exemplo, são representações de ideias e pensamentos – ou seja, não são ideias “desencarnadas” (CHARTIER, 2002, p. 68) - que são apropriadas pelos leitores e que delas fazem outro tipo de leitura, ou seja, constroem novos sentidos ao que está escrito nos textos. O texto não existe em si mesmo, ele ganha outro significado a partir do momento que é lido por um indivíduo ou por um grupo social, e essas mudanças que o texto adquire para aquele que o apropria se relaciona com a forma como é recebida a leitura: escrita, oral, gestual, etc.

brizolista é o nome do discurso de atores políticos que fazem da adesão a Brizola o princípio de identidade fundamental em sua inserção na esfera pública. Brizolismo é o nome do campo de embate de significações divergentes acerca da política brizolista. Ambos são, portanto, substantivos. O mesmo vale para antibrizolista. (Sento-Sé, 1999: 18).

A abordagem desse autor permite entender que o conceito está além da polêmica figura do ex-governador gaúcho. O que se discute com relação ao brizolismo é a sua capacidade de representar determinadas imagens do Brasil, personificadas nas ideias propostas por Brizola e suas significações tanto para seus correligionários como para os seus adversários políticos. Uma liderança carismática e personalista<sup>7</sup>, portanto, mas que não é seguida por adeptos inconscientes; ao contrário, aqueles que o seguem o fazem por enxergarem naquele dirigente propostas, discursos e imagens que expressavam o pensamento e as crenças presentes em partes consideráveis da sociedade brasileira. Portanto, o fazem por uma seleção, uma escolha. Não se trata de manipulação dos adeptos: as falas destes, segundo Sento-Sé, são tão importantes quanto ao próprio discurso do líder, pois é nelas que se operam as reinterpretações do brizolismo. Para o autor, o brizolismo é um campo tanto de atuação política como de ideias, pois a partir dele se estabelecem conflitos e lutas pelo poder, tendo-o como uma categoria prática de disputa<sup>8</sup>.

Algumas obras foram importantes para o entendimento do contexto aqui estudado. Delgado (1989)<sup>9</sup>, por exemplo, foi uma das pioneiras nos estudos sobre o PTB. A autora buscou reconstituir a dinâmica vivida pelo Partido na sua relação – e a transformação da mesma – com seu chefe e fundador Getúlio Vargas. Segundo Delgado, até 1954 o partido e o Estado procuraram controlar a organização dos trabalhadores através da cooptação, oferecendo possibilidades de direitos sociais e políticos, mas sem promover expectativa de autonomia aos trabalhadores, que eram a base social trabalhista. Entretanto, após a morte de Vargas e com uma nova conjuntura social surgindo, os grupos ligados aos movimentos sindicais passaram a reivindicar maior independência, e mesmo dentro do PTB, ocorreram divergências internas que levaram muitas lideranças a afastarem-se do pragmatismo característico do getulismo e aproximaram-se dos movimentos reformistas. Tal situação, segundo a autora, explicava

---

<sup>7</sup> O conceito de carisma de Sento-Sé foi apropriado de Weber (1984).

<sup>8</sup> Sento-Sé também utiliza aqui o conceito de *campo político*.

<sup>9</sup> Em 2001, Delgado escreveu um capítulo em obra organizada por Ferreira. Neste texto, ela retomou alguns pontos de sua obra clássica, mas apresenta uma perspectiva diferente, mais próxima da que Ferreira apresentará em 2005. Entretanto, optei pelo texto de 1989 para dar conta da diversidade historiográfica sobre o tema.

a associação dos trabalhistas com o PCB e o distanciamento em relação ao PSD, e tinha como símbolo o apoio ao reformismo radical por líderes como Brizola.

Alicerçado em conceitos retirados da História Cultural<sup>10</sup>, Ferreira (2005) trabalhou com uma perspectiva diferente. Sua obra inovou ao analisar o trabalhismo como cultura política. Ou seja, não era uma cooptação dos trabalhadores e dos demais grupos sociais reivindicatórios pelo Estado ou pelo partido, não se tratava também de uma relação unilateral de cima para baixo: a adesão ao projeto trabalhista ocorria porque as pessoas comuns acreditavam naquele projeto e naquelas ideias defendidas pelo PTB e também reivindicavam seus direitos utilizando o Partido como seu “porta-voz”, o que se tornou possível por já existir uma cultura trabalhista circulando na sociedade brasileira daquela época.

Por tratar aqui do processo de radicalização em um município gaúcho, é necessário analisar também a bibliografia existente sobre o PTB no estado. Bodea (1992) foi um dos primeiros autores a estudar a atuação do partido em território gaúcho. Para o historiador, a formação do PTB no Rio Grande do Sul derivou da confluência de três correntes: *sindicalista*; *doutrinária*, corrente oriunda da União Social Brasileira (USB); e a *pragmático-getulista*, políticos profissionais oriundos do PSD. O autor também assinalou em seu trabalho o processo de desgetulização do PSD no Rio Grande do Sul, que o transforma em uma seção rebelde em relação ao diretório nacional pessedista, e o tornou, no estado gaúcho, mais próximo aos partidos e grupos conservadores, de oposição ao trabalhismo.

Karnikowski (1999) destacou que esse conflito entre PTB e PSD no Estado gaúcho acabou formando um novo tipo de polarização partidária. Até 1937 os conflitos eram entre dois grupos conservadores<sup>11</sup>. A partir da democratização de 1945, os trabalhadores urbanos surgem como atores sociais e contam com um partido – no caso, o PTB - que se reivindicava como a agremiação que os representavam, formando-se uma nova polarização: trabalhistas (PTB) contra conservadores (PSD e os outros grupos anti-PTB).

Cabe destacar também obras que trataram da atuação de Leonel Brizola no período delimitado na monografia. Cánepa (2005), ao analisar o governo Brizola no Rio Grande do Sul, diferenciou o governador que tomou posse em 1959 daquele que deixou

---

<sup>10</sup> Ferreira utilizou-se do conceito de cultura de Darnton (1986).

<sup>11</sup> Karnikowski demonstra que as clivagens existentes no RS sempre se deram entre os *conservadores-liberais* e os *conservadores-autoritários*. O maior exemplo disto fora o confronto entre o PRR (autoritário) e os Federalistas (liberais), entre o fim do século XIX e a revolução de 30. (KARNIKOWSKI, 1999, p. 25-28).

o governo rumo ao Congresso Nacional, eleito deputado federal pelo Estado de Guanabara, em 1963. A transformação ocorrida durante o Movimento da Legalidade, em agosto de 1961, seria, nas suas palavras, um ponto de inflexão da política rio-grandense, em que se reconheceu a crise estrutural vivida pelo Estado e se buscou soluções para a mesma. Os atos do governador gaúcho na defesa da posse de João Goulart como presidente da República lhe deram maior projeção nacional e o levaram a tomar posições mais radicalizadas no governo estadual.

O trabalho de Rolim (2009) visa analisar a relação do Brizola já radicalizado com os setores subalternos das forças armadas brasileiras. O autor entendeu o discurso deste líder trabalhista neste contexto como de aproximação com os setores populares e de referências à herança getulista – ou seja, adepto de uma cultura política trabalhista, retomando o trabalho de Ferreira - que o levou a adotar as bandeiras do nacionalismo e do reformismo social, atraindo, por consequência, a antipatia dos setores conservadores.

O trabalho aqui proposto se desenvolve em três capítulos: o primeiro capítulo, *A Canoas que surge nos anos 60: industrialização e vida política* procura descrever e delimitar a cidade de Canoas no contexto estudado. Primeiramente, busca-se mostrar como se dera o desenvolvimento da cidade até o início da década de 60, quando o município procurou tornar-se industrializado após ter, por muito tempo, servindo como recebedora do operariado que trabalhava em Porto Alegre. Em outras palavras, notar como Canoas lutou para se industrializar e se urbanizar, visando abrir possibilidades de trabalho para que os seus habitantes não precisassem dirigir-se à capital. Nesse capítulo analisa-se também a atuação do PTB local enquanto um partido que refletia as demandas da maioria da população da cidade, interpelando-os a partir do ideário trabalhista, em sintonia com os anseios e as necessidades da população local.

No segundo capítulo, *A radicalização em Canoas*, aborda-se como a radicalização política inseriu-se nos debates legislativos do município. Nesse ponto, se constatará como os assuntos recorrentes do período como as reformas sociais e às crises políticas vividas no país naquele período apareciam, como eram discutidos e o que representavam nos discursos das lideranças locais. Também se verá os reflexos desses conflitos nas disputas locais, como as eleições municipais de 1963, e nas ações do prefeito eleito no início de 1964, explicando por que as suas atitudes na administração municipal simbolizavam a radicalização.

Por fim, no terceiro capítulo, *O brizolismo entre os trabalhistas canoenses*, procura-se evidenciar como as ações de Leonel Brizola encontravam eco entre os

trabalhistas locais. O Movimento da Legalidade, liderado por Brizola, é investigado nesta perspectiva, especialmente em seus reflexos na cidade, uma vez que a atitude do então governador do Rio Grande do Sul foi defendida e motivou homenagens a esse por parte dos seus correligionários locais, ao passo que a oposição procurou mitigar o seu papel naquele evento. As posições de Brizola enquanto deputado federal, durante o ano de 1963, comandando a Frente de Mobilização Popular, encontrou seu representante em Canoas no vereador Edson de Medeiros. Também veremos o papel deste na apropriação do discurso brizolista e na sua divulgação junto aos canoenses.

Com relação às fontes aqui utilizadas, privilegiou-se as atas da Câmara Municipal de Canoas. A documentação legislativa, no que tange a radicalização política deste período, ainda é pouco examinada. Mesmo trabalhos clássicos como Delgado (1989), D'araújo (1996) e Ferreira (2005)<sup>12</sup> fazem pouca utilização desta fonte, dando preferência às fontes impressas e orais. As atas e os anais dos poderes legislativos, no entanto, são documentos bastante ricos e que nos colocam diante das percepções e das diferentes formas de pensar a sociedade dos agentes político-partidários. Conforme Bacellar (2005), as atas e os anais legislativos são interessantes de explorar, pois “se podem acompanhar as discussões dos mais variados projetos legislativos, com os vereadores, deputados e senadores defendendo seus pontos de vista.” (BACELLAR, 2005, p. 34). Da mesma forma, o fato de serem pouco examinadas abre inúmeras possibilidades para novos trabalhos sobre o tema da experiência democrática e, mais especificadamente, da radicalização política que antecedeu o golpe civil-militar de 1964.

Além disso, também se fez uso aqui de documentações impressas e de entrevistas realizadas tanto pelo autor como outras já publicadas. Sobre a História Oral, metodologia também utilizada no presente trabalho, cabe aqui sublinhar os cuidados que o historiador deve ter com tal metodologia: segundo Harres (2008), não basta apenas ao pesquisador recolher depoimentos e colocá-los em um projeto ou um trabalho de forma aleatória, mas sim, deve analisa-lo de forma rigorosa e olhá-lo como uma fonte histórica que deve ser criticada e questionada, e não apenas como um relato memorialístico. Foram de grande valia para este trabalho a obra organizada por Ranincheski (1998): *História, Poder Local e Representação: A Câmara de Vereadores*

---

<sup>12</sup> Com relação a Ferreira, é importante ressaltar que o autor justificou a utilização das fontes impressas por entender que estas são úteis para o entendimento e a compreensão das experiências dos populares e militantes trabalhistas, embora não sejam estes os produtores dessas fontes. (FERREIRA, 2005, p. 15).



*de Canoas*. Neste trabalho, a autora realizou algumas entrevistas com ex-vereadores deste período que foram muito relevantes para esta monografia. Bem como a coleção organizada pela Fundação Cultural de Canoas *História dos Nossos Prefeitos* – coletâneas de notícias de jornais dos períodos de cada administração do município entre os anos de 1941 e 1969. Registram-se também alguns documentos advindos do poder executivo municipal, que também foram significativos, pesquisados junto ao Arquivo Histórico de Canoas.

A partir de tudo que foi exposto até aqui é possível identificar alguns objetivos nesta pesquisa: resgatar as trajetórias dos atores político-partidários do município de Canoas nos anos anteriores ao golpe civil-militar de 1964 e recuperar a atuação do Partido Trabalhista Brasileiro nessa localidade; entender de que forma as lutas dentro do campo político brasileiro foram apropriadas pelas lideranças político-partidárias locais; compreender como ocorria a influência do brizolismo junto aos trabalhistas canoenses e de que forma esta era percebida por tais indivíduos; contribuir para os estudos da radicalização política a partir de uma análise mais localizada do fenômeno, buscando situações não perceptíveis em níveis mais amplos e; por fim, contribuir para os estudos de História Política a partir da análise das fontes legislativas.

## 1. A CANOAS QUE SURGE NOS ANOS 60: INDUSTRIALIZAÇÃO E VIDA POLÍTICA

### 1.1. Uma cidade em processo de industrialização

Para este estudo, o trabalho de Viegas (2011) mostrou-se bastante elucidativo no que diz respeito ao desenvolvimento da industrialização de Canoas: ao analisar o processo de urbanização do município, a autora apresentou uma cidade marcada por sua proximidade com Porto Alegre. No primeiro momento, ainda como distrito de Gravataí, tratava-se de um ponto de refúgio para as elites porto-alegrenses; depois, a partir da expansão urbana na capital gaúcha, tornou-se receptora do operariado desta, que, devido à ausência de espaço, passou a comprar lotes mais baratos e mais acessíveis nas regiões próximas, especialmente nas regiões periféricas de Canoas, como a Vila (atualmente bairro) Niterói. Em suma, Canoas se transformou em uma “cidade-dormitório”<sup>13</sup>.

Entretanto, na década de 1950 Viegas identificou medidas tomadas por parte do poder público municipal visando alterar este *status*: a intenção era fazer de Canoas uma “cidade-industrial”. Não significa que não houvesse indústrias presentes no cotidiano canoense mesmo antes de sua emancipação. A Vila Rio Branco, por exemplo, era sede dos Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros Ltda. (FRIGOSUL). De acordo com Penna (2004c), a presença dessa empresa estatal – inaugurada em 1939, com a presença do então presidente Getúlio Vargas – fora um grande polo de atração de migrantes vindos do interior para essa localidade:

A cidade de Canoas não tinha habitantes em número suficiente para suprir a necessidade de mais de mil trabalhadores, entre efetivos e temporários, para abater diariamente de oitocentos a mil bois, três mil a três mil e oitocentos suínos e a produzir quase oito mil latas de derivados. Restava atrair gente de outras regiões, como Livramento, Lagoa Vermelha, Vacaria e por aí a fora. (PENNA, 2004c, p. 19).

A importância da FRIGOSUL para Canoas é inegável. Todavia, foi apenas nos anos 50 e 60 que a administração local passou a estimular a presença constante de indústrias na cidade. Tal incentivo confirmava-se com a isenção de impostos para a instalação de empresas no município, iniciadas na gestão do prefeito Sezefredo

---

<sup>13</sup> Utiliza-se aqui a tipologia adotada no trabalho de Viegas (2011) quanto às imagens e representações de Canoas ao longo do seu processo de urbanização: *cidade-veraneio*, ou seja, uma área com sítios e chácaras que serviria como local de descanso para os porto-alegrenses; *cidade-dormitório*, local em que os trabalhadores da Capital habitam pela proximidade; *cidade industrial*, quando se desenvolvem indústrias no próprio município, não havendo necessidade de os trabalhadores irem até Porto Alegre.

Azambuja Vieira (1956-1959) e continuadas no governo trabalhista de José João de Medeiros (1960-1963), um dos artífices da instalação da Refinaria Alberto Pasqualini, da Petrobrás, em Canoas:

Graças aos incentivos oferecidos em sua administração (de José João de Medeiros), através de leis e decretos, instalaram-se no município neste período importantes indústrias pesadas, como a Micheletto, a Coemsa, a Springer, a Forjasul e o maior de todos os empreendimentos: a Refinaria Alberto Pasqualini. (FCC, 2005, p. 46).

Obviamente, tais projetos de isenção tinham que passar pela aprovação dos vereadores locais, o que levava muitos empresários a procurarem esses líderes políticos para os sensibilizarem quanto à necessidade desses benefícios fiscais, como está relatado na ata 36, de 25 de junho de 1963, em que representantes da Springer compareceram à Câmara Municipal com essa intenção<sup>14</sup>:

Manifestou o industrialista José Morais de Lima, a vontade da Springer e Tele-Springer radicar-se neste município (...). Declarou o representante dos industrialistas presente que já tinham em vistas diversas áreas disponíveis aqui em Canoas, e que se ainda não tomaram qualquer decisão à êste respeito, foi porque esperavam um pronunciamento favorável à reivindicação que óra estavam fazendo à êsta Câmara (...) que apesar do Município de Sapucaia lhes proporcionar muitas vantagens, o desejo da Springer era vir para Canoas, bastando tão somente que este município lhe proporcionasse a devolução do retorno dos impostos pelo prazo de 3 anos.<sup>15</sup>

Em suma, Canoas constituiu-se em um grande centro urbano na década de 60. Mais do que uma cidade que recebia os trabalhadores de Porto Alegre, era também ela um município em expansão industrial e que atraía imigrantes de outras regiões do estado em busca de oportunidades de trabalho. Dessa forma, a cidade experimentou um crescimento populacional intenso: de acordo com dados obtidos por Viegas (2011, p. 114) a população de Canoas saltou de 17.630 habitantes em 1940 para mais 100.000 no início da década de 1960. Uma população majoritariamente operária, que vivia principalmente nas regiões periféricas como as já citadas vilas Rio Branco e Niterói.

Evidentemente, tratava-se de regiões precárias em termos de moradia e infraestrutura, algo que não passou despercebido por aqueles que procuraram aquelas zonas para viver: ausência de condições básicas como água potável, moradias de

---

<sup>14</sup> Optou-se neste trabalho por manter a grafia da mesma forma que consta na documentação pesquisada.

<sup>15</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 36/63, Canoas, 25/06/1963.

palafitas, problemas de enchentes devido à proximidade com o Rio dos Sinos, como bem lembrou o ex-vereador Antônio Canabarro Tróis F<sup>o</sup><sup>16</sup>:

... eu cheguei aqui em 41, este lado leste era desabitado, a enchente do Rio do Sinos vinha até (...) e houve um êxodo rural muito forte e loteadores gananciosos -especulação imobiliária- fizeram loteamentos em Canoas sem fazer o saneamento básico prévio, então vendiam terreno no banhado, em zona inabitável, em zona que se caçava marrecão. Então eles vendiam muito barato...<sup>17</sup>.

Para aqueles que chegavam e se alojavam nessas zonas, havia a necessidade de unirem-se e pleitearem junto ao poder público as demandas caras àquela comunidade e seus moradores. Foi o caso da formação dos movimentos comunitários como a Sociedade dos Amigos da Vila Industrial (SAVIN) e a Sociedade de Amigos e Beneficente dos Trabalhadores de Niterói (SABETRAN)<sup>18</sup>. Ambos possuíam cunho reivindicatório, embora, de acordo com a pesquisa de Penna (2004b), a SABETRAN tinha vinculações partidárias, uma vez que sua origem estava vinculada ao “Comando João Goulart”<sup>19</sup>. Também foram importantes os movimentos sindicais, mais precisamente o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Carne e Derivados, ligado aos trabalhadores da FRIGOSUL e que também faziam exigências objetivando melhorias para a comunidade da Vila Rio Branco, como é mencionado nas atas 32, 33, 34 e 36 de 1962<sup>20</sup>.

Cabe, por fim, não esquecer a Base Aérea, instalada em 1937, ainda quando Canoas era o 4º Distrito de Gravataí, pois a partir desta a cidade passou a ser um ponto estratégico uma vez que tinha em seu território um regimento militar, que por seu turno trouxera inúmeras mudanças para a localidade. De acordo com Viegas, a presença de

<sup>16</sup> Tróis F<sup>o</sup> foi vereador entre 1964 e 1969, eleito pelo PDC. Teve destacada atuação no campo cultural da cidade, participando como colunista em jornais locais. Seu pai pertenceu ao PTB. Embora apoiador de Lagranha na Câmara, costumava tomar posições em defesa das Reformas de Base. TRÓIS F<sup>o</sup>, Antônio Canabarro. *Depoimento* (julho/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

<sup>17</sup> TRÓIS F<sup>o</sup>, Antônio Canabarro. *Depoimento* (julho/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

<sup>18</sup> Através da utilização da metodologia da História Oral, Penna (2004b) reconstituiu em um dos capítulos de sua obra as origens e a atuação destes movimentos comunitários da Vila Niterói. Ver Penna (2008b: 60-72).

<sup>19</sup> Em entrevista realizada por Sônia Ranincheski, o ex-militante do PTB e ex-vereador do MDB Nilton Leal Maria citou uma organização parecida em Niterói, da qual havia feito parte: “Nós fundamos a ala moça, um grupo de jovens do PTB sob o comando de João Goulart. Naquela época em Niterói não tinha assistência médica, e fundamos essa entidade, para sustentação política do PTB. Fizemos quermesses, equipamentos médicos.” (MARIA. IN: RANINCHESKI, 1998, p. 122).

<sup>20</sup> Entre os dias 24 e 30 de maio de 1962, houve uma série de discussões na Câmara relacionadas à forma como alguns vereadores de oposição – naquele momento, Canoas era administrada por José João de Medeiros (PTB) – foram recebidos pelos sindicalistas da FRIGOSUL. Estes acusavam tais políticos de serem contra a instalação da hidráulica da Vila Rio Branco, que solucionaria os problemas das enchentes do local. Por sua vez, os vereadores Melton Both (PRP) e Dinarte Araújo (PL) apontavam que tal denúncia teria sido fomentada pelo vereador Alcides Nascimento (PTB), sindicalista e operário do Frigorífico e que visava prejudicá-los perante os trabalhadores e a comunidade da Vila. CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Atas 32, 33, 34 e 36/62, Canoas, Maio de 1962.

uma força armada representou um importante fator para a emancipação da cidade em 1939<sup>21</sup>.

Enfim, Canoas, desde sua emancipação até o início da década de 60 caracterizou-se como um lugar predominantemente operário, com um aumento populacional muito grande e uma expansão urbana e industrial desigual. Além disso, era reduto de forças militares em função da sua Base Aérea. Logo, um local com uma população propensa a ser interpelada e a apropriar-se do pensamento trabalhista em voga naquele período.

## **1.2. O PTB canoense: um reflexo da industrialização da cidade**

Canoas emergia na década de 60 como uma cidade em processo acelerado de urbanização e industrialização, receptiva a populações vindas do interior, que procuravam possibilidades de trabalho, mas também aos trabalhadores de Porto Alegre, atendendo à demanda por moradias destes, que exerciam suas profissões na capital. Canoas, portanto, era uma localidade com maioria da população de trabalhadores, e estes necessitavam serem atendidos pelo poder público e buscavam, dessa forma, algum agrupamento político que articulasse suas reivindicações junto àquele. Neste ponto compreendemos a força do PTB junto à maioria dos canoenses, exercendo o papel de mediação política<sup>22</sup>, conforme o termo utilizado por Serge Bernstein (2003). Além disso, o PTB correspondia - como nos diz Ferreira (2005) - a uma série de crenças e tradições vinculadas ao trabalhismo que já circulavam na sociedade brasileira, que eram ainda mais fortes em um município em pleno processo de desenvolvimento urbano e econômico.

O PTB, enquanto agremiação partidária, surgiu justamente no final do Estado Novo, segundo Gomes (2007), como uma forma de manutenção do ideário trabalhista iniciado por Getúlio Vargas durante os seus 15 anos no poder. Juntamente com o Partido Social Democrático (PSD)<sup>23</sup>, nasceu com o apoio da estrutura governamental e

---

<sup>21</sup> Sobre a instalação da Base Aérea, ver Viegas (2011, p. 62-65).

<sup>22</sup> De acordo com Berstein, o partido político exerce o papel de mediador entre as demandas e as pressões da sociedade e a formação do discurso e do programa partidário, ou seja, o segundo sofrerá interferências do primeiro e o partido é que articulará tais relações. Nas palavras de Berstein: “É no espaço entre o problema e o discurso que se situa a mediação política, e esta é obra das forças políticas, que têm como uma de suas funções primordiais precisamente articular, na linguagem que lhes é própria, as necessidades ou as aspirações mais ou menos confusas da população.” (BERSTEIN. IN: RÉMOND, 2003: p. 61)

<sup>23</sup> Sobre o PSD, ver Hippólito (1985) e Oliveira (2008).

fortemente ligado à figura de seu líder. Todavia, diferentemente deste, que tinha como alicerce político as interventorias estaduais e se voltava para as bases rurais, o PTB era o braço urbano do Getulismo<sup>24</sup>, procurando interpelar o operariado e os trabalhadores, beneficiários diretos do projeto trabalhista.

A morte de Vargas, em 1954, representou um ponto de virada no projeto petebista: sem seu chefe e a partir de novas lideranças como João Goulart e Leonel Brizola, o PTB aproximou-se cada vez mais de suas bases, atuando lado a lado com os movimentos sociais e reformistas que começavam a surgir no período, tornando-se um interlocutor direto de seus seguidores junto às instituições políticas nacionais, como bem lembra Delgado (2001):

(...) o trabalhismo só alcançou a dimensão e a projeção que marcaram sua história nos anos 50 e 60, por não apresentar um discurso descolado da realidade, mas sim, por ter incorporado à prática política de seus adeptos as proposições que constituíam o suporte de seu programa. (DELGADO, 2001, p. 194).

O nacionalismo e as Reformas de Base, portanto, faziam parte dessa mediação entre os adeptos – não só o operariado, mas também outros grupos sociais como os militares e as classes médias - e o partido, seguindo o modelo de Berstein: o programa que o PTB assumiu, a partir dos anos 50, estava ligado aos desejos e às aspirações daqueles que o acompanhavam e acreditavam nele como um porta-voz da luta pelas mudanças sociais, esforço esse que era compartilhado entre diversos grupos da sociedade como os trabalhadores, os camponeses, os militares subalternos, entre outros.

Tal posição do partido foi adotada também por sua seção gaúcha. Karnikowski (1999) entende que o PTB representou no estado um novo segmento social: a classe operária nascente a partir da industrialização empregada por Vargas durante o Estado Novo (1937-1945). Novos atores que representavam novas forças de pressão por demandas, como a participação política e as melhorias de cunho social. A grande diferença entre a formação do PTB no Rio Grande do Sul e no Brasil foi a sua relação com o PSD – aliados nacionalmente, mas distanciados regionalmente.

A atuação do PTB em Canoas inseriu-se, portanto, neste contexto: exercia o papel de mediação política entre grupos sociais consideráveis, tais como o operariado, o funcionalismo público e, especificadamente no caso de Canoas, devido à presença

---

<sup>24</sup> O Getulismo é aqui entendido nos termos de Ferreira (2005, p. 11-12): expressava a defesa da conquista dos direitos trabalhistas vinculada à figura de Getúlio Vargas; este, por sua vez, estabelecia uma relação sem mediação com os grupos sociais beneficiários das suas políticas.

militar da cidade. Relacionou-se também com os setores subalternos das Forças Armadas. Um local em transformação urbana não poderia deixar de ser um local propenso às ideias petebistas daquele momento, como bem lembrou Angeli (2011)<sup>25</sup>:

De toda forma, o trabalhismo em Canoas era muito forte, e o PTB sua maior expressão, numa cidade basicamente operária (em especial a então Vila Niterói, maior reduto eleitoral trabalhista), cujo eleitorado chegou a 30 mil em agosto de 1962. (ANGELI, 2011, p. 3).

Indícios desse papel exercido pelo PTB no município podem ser encontrados nas atas das reuniões da executiva do partido em Canoas, entre 1962 e 1965. Na Ata um, de 25 de fevereiro de 1962, foram convocados os filiados do partido na cidade para a eleição do novo diretório: foram eleitos 53 membros, sendo 50 da Executiva e três do Conselho Fiscal. A Ata registrou a presença de 384 filiados ao partido; entretanto, segundo a mesma,

... o número de inscritos no Partido Trabalhista Brasileiro, no município de Canoas, é da ordem de um mil e quinhentos (1.500) conforme consta de seu fichário até este momento...<sup>26</sup>

Esse é um dado bastante relevante, se lembrarmos de que a população de Canoas nesse período já beirava os 100.000 habitantes. Levando-se em consideração os dados eleitorais do ano de 1962<sup>27</sup>, havia em torno de 25.000 eleitores na cidade. Ou seja, desses votantes, 1.500 eram registrados no PTB em Canoas. Em outras palavras, mais de mil eleitores eram adeptos do partido na região, num universo não tão grande de votantes, o que significa dizer que o trabalhismo, de fato, era vigoroso em Canoas.

Outro ponto a se destacar era a atenção que o Diretório Municipal ganhava das lideranças estaduais trabalhistas: segundo a mesma ata, o presidente que estava deixando o cargo na seção municipal naquele momento era o deputado estadual Domingos Spolidoro<sup>28</sup>. Não era incomum também receber visitas como as do então prefeito de Porto Alegre, Sereno Chaise, que consta na Ata 40, de 2 de março de 1964.

<sup>25</sup> Angeli (2011) trabalhou basicamente com as atas do PTB de Canoas, buscando recuperar a memória sobre o partido no município.

<sup>26</sup> DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PTB/CANOAS, Ata 1, 25 de fevereiro de 1962, Canoas.

<sup>27</sup> Segundo dados obtidos no TRE-RS, Canoas tinha 22.032 eleitores cadastrados para as eleições de outubro de 1962. TRE-RS. Livro de Apuração das eleições de 1958, v.1, fl. 220-221, Porto Alegre, 1958.

<sup>28</sup> Domingos Spolidoro fora deputado estadual em duas legislaturas: 3ª legislatura (1955-1959) e 4ª legislatura (1959-1963). MEMORIAL DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. Informações Parlamentares - Legislaturas. Disponível em:

<<http://www2.al.rs.gov.br/memorial/Informa%C3%A7%C3%B5esParlamentares/Legislativas/tabid/3543/Default.aspx>> acesso em: 26 out. 2012.

Sobre Sereno, ele próprio relatou, em suas memórias, sua campanha para deputado estadual em Canoas, em 1958:

Em Canoas organizamos um grupo excelente sob a liderança de um médico, o Doutor Bonder (...). O grupo dele era formado pelo Aguiar, o Nilo Del Cueto Reis, o doutor Zubaran (...). Havia uma exímia organização: mapas dos comitês dos bairros em Canoas. Vila Mathias Velho, Niterói, Rio Branco, comitês em cada rua e avenida, propaganda boca-a-boca. Trabalhamos muito em Canoas. (KLOCKNER, 2007, p. 51)

Tal organização do partido na cidade é corroborada na documentação do diretório, em que se encontra um anexo da Ata 25, do dia 15 de maio de 1963, em que estão listados os 14 Diretórios Distritais de Canoas<sup>29</sup>: Niterói, Rio Branco, Santa Rita, Morretes, Harmonia, Vila Fernandes, Chácara Barreto, Vila São Luiz, Centro, Mathias Velho, Mato Grande, Estância Velha e Zona Militar. Atente-se para a existência de um Diretório na Zona da Base Aérea, um bom indício da tentativa de construção da relação do partido com os setores subalternos militares e com os setores nacionalistas das Forças Armadas<sup>30</sup>.

A Ata um, já citada, traz também outro dado importante: as profissões dos membros eleitos para o diretório, como pode ser visto no Quadro 1:

**Quadro 1** – Profissões dos Membros do Diretório Municipal do PTB/Canoas

<b>Profissões</b>	<b>Nº de membros</b>
Funcionário público	18
Profissões operárias e/ou braçais	12
Militar	6
Profissões liberais	8
Comerciário	3
Comerciantes	2
Outras profissões <sup>31</sup>	4
<b>TOTAL</b>	<b>53</b>

Fonte: DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PTB/CANOAS, Ata 1, de 25 de fevereiro de 1962, Canoas.

<sup>29</sup>DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PTB/CANOAS. Ata 25, 15 de maio de 1963, Canoas. (Ver anexo I)

<sup>30</sup>Sobre a relação do PTB com as forças armadas, ver: Rolim (2008) e Ferreira (2005, p. 211-276)

<sup>31</sup>Um representante de cada uma dessas profissões: agricultor, barbeiro, doméstica e radialista. DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PTB/CANOAS, Ata 1, de 25 de fevereiro de 1962, Canoas.



Infelizmente, tal amostra não nos permite dizer que este é o desenho profissional dos filiados ao PTB canoense, pois possivelmente a presença dos operários e dos militares superaria o de funcionários públicos; mas, de qualquer forma, apresenta um esboço interessante: a presença de 12 trabalhadores operários<sup>32</sup> na direção partidária reflete o aumento da atuação dos trabalhadores junto ao PTB na reivindicação do reformismo social, destacado por Delgado. Não se tratava mais apenas de agentes representados pelo partido, mas que também tinham agiam dentro do mesmo, seja como filiados, seja como aliados ao PTB:

Foi principalmente nas entidades sindicais que comunistas e trabalhistas uniram-se, buscando reivindicar e pressionar os poderes executivos e legislativos para a adoção de uma política cujo conteúdo central fosse o do reformismo social. (DELGADO, 1989, p. 219)

A presença de 7 militares também é significativa, ainda mais quanto ao fato de que desse número, 5 eram militares da Aeronáutica<sup>33</sup>, ou seja, provavelmente ligados à Base Aérea instalada no município.

O PTB canoense, todavia, tinha suas especificidades e seus conflitos internos, que o prejudicava especialmente nas eleições. Evidentemente, as disputas por poder dentro do partido em nível nacional não eram uma novidade, a julgar pelo conflito entre João Goulart e Fernando Ferrari – talvez o mais acentuado devido às suas consequências: a saída deste do partido e a fundação de uma agremiação dissidente, o Movimento Trabalhista Renovador (MTR)<sup>34</sup>. Em Canoas, o ano de 1962 apresentou um duro embate entre os vereadores Edson de Medeiros e Antônio Soares Flores<sup>35</sup>, ambos do PTB. O primeiro fora indicado a disputar uma vaga na Assembleia Legislativa naquele ano<sup>36</sup>; além disso, era filho do prefeito da cidade, Cel. José João de Medeiros. O segundo era apoiador do então candidato a deputado estadual e Secretário Estadual da Saúde, Lamaison Porto. Edson, antes mesmo da indicação oficial, fez uma declaração surpreendente na Câmara de Vereadores:

---

<sup>32</sup> Optou-se por tratar várias profissões como operárias, embora nas atas os indivíduos não colocassem dessa forma, apenas citavam o trabalho específico que faziam.

<sup>33</sup> Dos 6 militares, 5 eram da Aeronáutica e um era do Exército.

<sup>34</sup> Sobre a cisão ferrarista no PTB, ver Bombardelli (2010).

<sup>35</sup> Antônio Soares Flores era comerciante. Teve filiação inicial no PSD, mas depois passou para o PTB. Segundo Souza, o irmão de Flores, Coralino Soares Flores, fora um dos fundadores do MTR em Canoas. SOUZA, Luís Pereira de. *Depoimento* (setembro/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

<sup>36</sup> DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PTB/CANOAS. Ata 4, 10 de maio de 1962, Canoas.

(...) formulou o vereador Edson Medeiros o seu ponto de vista sôbre a sua campanha eleitoral, bem como fazendo uma formulação para que todos os canoenses, que por quaisquer questões porventura não votarem em seu nome para Deputado Estadual, então que votem em candidatos próprios de Canoas, pois não concebe sua Senhoria que candidatos a Deputados só se lembrem de Canoas em época de eleições.<sup>37</sup>

Canoas teve naquela eleição ainda mais dois vereadores candidatos: Armando Wurth (PSD) e Orestes Ferla (PRP). Já em setembro, Flores fez críticas a Edson por este estar se utilizando da máquina pública em favor de sua campanha:

(...) falou o vereador Antônio Soares Flores, dizendo que estava revoltado com a atuação de um candidato à Deputação Estadual, por êste Município, que transformou a sala de sessões desta Câmara, num verdadeiro Comitê Político, tendo até Secretário particular a sua disposição. (...) formulou o vereador Antônio Soares Flores, um apêlo à presidência, para que coibisse a atitude do Vereador Edson Medeiros, porquanto esta Casa não éra lugar para formação de Comitê.<sup>38</sup>

Entre denúncias feitas por Flores de que a prefeitura havia nomeado funcionários udenistas e a incriminação de que o mesmo desviava recursos da Câmara<sup>39</sup>, tal situação evidenciava que o partido não era homogêneo. Embora partilhassem de um discurso ideológico semelhante - o trabalhismo - a lógica da conquista de poder por parte de ambos, representando aquilo que Sartori (1982, p. 99) chama de facções – ou seja, grupos dentro das unidades partidárias que disputam posições de poder, interessadas em cargos e/ou vantagens decorrentes do mesmo – está presente no diretório municipal do partido. Todavia, o componente ideológico não deixou de existir. Ao contrário, as acusações de ambos os lados buscavam justamente desconstruir a imagem do adversário enquanto liderança positiva e ideológica dentro do partido. Ao fim, Edson Medeiros não conseguiu se eleger, embora tenha ficado com a vaga de suplente e tenha sido o candidato a deputado estadual mais votado em Canoas<sup>40</sup>. As disputas internas sobressaíam-se em relação à união partidária na cidade

<sup>37</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 25/62, Canoas, 3/05/1962.

<sup>38</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 77/62, Canoas, 13/09/1962.

<sup>39</sup> Na ata do PTB municipal de 6 de junho de 1962, Flores fizera uma série de acusações contra o prefeito Medeiros: a principal é de que este estaria colocando um familiar que seria da UDN e que estaria expulsando da prefeitura membros do PTB. Na Câmara, Flores fora acusado de desviar parte da verba recebida da Casa para a campanha a deputado estadual de Lamaison Porto. CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 61/62, Canoas, 3/08/1962.

<sup>40</sup> De acordo com dados obtidos no NUPERGS/UFRGS, Edson de Medeiros obteve 3597 votos em Canoas e alcançou a vaga de suplente, Armando Wurth (PSD) fora o segundo mais votado, 3232 votos, mas não conseguiu a suplência. Lamaison Porto atingiu a quinta maior votação na cidade, com 1102 votos, e fora eleito na eleição geral.

## 2. A RADICALIZAÇÃO EM CANOAS

### 2.1. A Câmara municipal discute a reforma agrária

A radicalização política vivida no Brasil no período estudado aqui pode ser explicada pelo conceito de campo político, de Pierre Bourdieu: políticos de diferentes matizes produzem dentro do campo percepções e expressões da sociedade brasileira e buscam, através de *ideias-força* – ideias produzidas dentro do campo capazes de mobilizar uma parcela dos “profanos”, ou seja, dos cidadãos-consumidores, que se reconhecem nelas e as legitimam -, disseminá-las, visando conquistar o poder, motivo da luta dentro do campo. Os exemplos de ideias-forças são o nacionalismo e as Reformas de Base, utilizadas por líderes políticos ligados ao PTB e que encontraram eco junto a grupos sociais, especialmente os ligados a movimentos reivindicatórios, como os de trabalhadores, camponeses, militares subalternos, etc.

Obviamente, a radicalização política não se iniciou com a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961. Como bem lembrou Gomes (2007), após a morte de Vargas, em 1954, o PTB mudou o seu perfil, e aproximou-se mais dos movimentos sociais reformistas e até mesmo de lideranças comunistas:

Neste segundo momento (o trabalhismo sem Vargas), a ideologia trabalhista continuou marcada pela defesa dos direitos do trabalhador, pelo sindicalismo, pelo nacionalismo e pela proposta de um Estado intervencionista e protetor, mas vinculou-se abertamente a outras questões, entre as quais a luta pelas reformas de base (GOMES. IN: FERREIRA; REIS, 2007, p. 75)

Devido a esse fato, a chegada de João Goulart à presidência provocou junto aos setores das esquerdas – especialmente aquelas que estavam em sintonia com os projetos progressistas - a esperança de que tal proposta fosse posta em prática. Por outro lado, as oposições conservadoras passaram a temer que um governo trabalhista pudesse atingir seus privilégios. Ambos os lados radicalizaram e acirraram os conflitos no campo político brasileiro. Partiram para o “confronto”, nos dizeres de Ferreira (2004; 2007b).

Tais acontecimentos não passaram despercebidos pelos atores políticos de Canoas: discussões quanto às Reformas de Base e as crises políticas que ocorreram durante o Governo Goulart foram debatidas e geraram inúmeras reinterpretações quanto a estes assuntos pelos políticos dessa localidade.

Mas o que são as Reformas de Base, tão discutidas naquele período? Ferreira nos põe a par do debate vivido naquela época, lembrando que:

Logo que assumiu o governo, Goulart se viu frente às demandas históricas das esquerdas, e na verdade, pregada ao longo dos anos por ele mesmo: as reformas de base. Para os grupos nacionalistas e de esquerda, tratava-se de um conjunto de medidas que visava alterar as estruturas econômicas, sociais e políticas do país, permitindo um desenvolvimento econômico autônomo e o estabelecimento de justiça social. Entre as principais reformas, constavam a bancária, fiscal, urbana, tributária, administrativa, agrária e universitária, além da extensão do voto aos analfabetos e oficiais não graduados das Forças Armadas e a legalização do PCB. O controle do capital estrangeiro e o monopólio estatal de setores estratégicos da economia também faziam parte do programa reformista dos nacionalistas. (Ferreira, 2003, p. 351-352)

A principal reforma – tanto em termos de importância, como também a mais polêmica - era a agrária, pois tocava em interesses fortes entre as elites políticas e exigia mudanças na Constituição. Entre a vereança canoense, o debate refletiu as posições em nível nacional e estadual entre os principais grupos políticos locais: os trabalhistas as defendem, enquanto os conservadores as criticam ou as reformulam, dando-as um caráter mais “moderado”. Nesse sentido procedeu a fala do vereador libertador Cirne Schmitt, ao dizer que “A seu ver, não basta o Gôverno dar terras si não oferece apoio necessário.”<sup>41</sup> Em outras palavras, para o vereador do PL não adiantaria dar terras se não houvesse condições para o uso das mesmas pelo agricultor. Pensamento diferente do vereador trabalhista Antônio Ferreira Alves: ao fazer uma crítica a possível compra por parte da prefeitura – administrada pelo trabalhista José João de Medeiros – de um trator para os pequenos agricultores do município, Alves afirmou:

Que deveria-se primeiramente dar-se terras para quem não às tem, e após então, propiciar à estes, meios necessários através de distribuição de sementes, assistência mecânica, etc. (...) que não considerava justo que fossem beneficiados justamente àqueles que não necessitavam (...).<sup>42</sup>

Em suma, dois olhares divergentes a partir de um mesmo tema: a reforma agrária. Tais visões tomam caminhos ainda mais conflitantes ao longo do ano de 1963. O petebista Zolmar Santos<sup>43</sup> relatou sua viagem por quatro municípios do interior em que pôde “sentir o anseio dos agricultores pela reforma agrária”<sup>44</sup>. A movimentação do

<sup>41</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 38/62, Canoas, 4/06/1962.

<sup>42</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 70/62, Canoas, 27/08/1962.

<sup>43</sup> Zolmar Santos, assim como Alcides Nascimento e Manuel João Calbo, era operário. Suplente, sempre que tinha a oportunidade de assumir o mandato, apresentava na sua fala bastante proximidade com o reformismo.

<sup>44</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 17/63, Canoas, 2/05/1963.

PTB dentro da Câmara em favor da reforma agrária chegou ao seu ápice quando Alcides Nascimento<sup>45</sup>, com o apoio de Edson de Medeiros, propôs um requerimento da Casa oficiando às autoridades competentes o abreviamento da tramitação do projeto de reforma agrária<sup>46</sup>. A discussão tomou grandes proporções. Medeiros apoiou e declarou:

Não é possível mais continuar-se nessa situação, pois o País precisa urgentemente de reformas. De imediato, disse não admitir mais que o grande latifundiário permaneça inalterável, enquanto os necessitados andam precisando de terras para o cultivo, e, conseqüentemente, maior possibilidade de seu progresso.<sup>47</sup>

Os opositoristas tomaram posição e, com a exceção de Calbo<sup>48</sup> - justificando não ser contra a reforma, mas quanto ao sentido dada à mesma pelos trabalhistas - votou favorável ao pedido, embora ressaltando a que reforma<sup>49</sup> estavam se referindo: segundo Melton Both (PRP) certamente não era “em sentido esquerdista, mas sim, cristão”. Nas sessões seguintes, entretanto, Both negou-se a assinar por discordar do conteúdo do requerimento<sup>50</sup>.

Fica claro, ao analisarmos tais referências dos vereadores canoenses quanto à reforma agrária, de que enquanto os trabalhistas buscavam, mesmo que através do nível local, interferir nos rumos da discussão, utilizando-a como bandeira, a oposição conservadora apropriou-se da ideia-força que representava tal reforma, buscando moderá-la e dando a ela um caráter mais conservador. Para estes, não era importante a redistribuição de terras, mas sim buscar melhorias para aqueles que já as têm. Em outras palavras, apropriavam-se daquela ideia-força e a resignificavam de acordo com seu público-eleitor

---

<sup>45</sup> Alcides Nascimento era operário da FRIGOSUL. Também se apresentava ligado à defesa das reformas de base, ao lado de Edson de Medeiros.

<sup>46</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 30/63, Canoas, 10/06/1963.

<sup>47</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 30/63, Canoas, 10/06/1963.

<sup>48</sup> Conforme lembra Tróis Fº, Calbo era operário da FRIGOSUL, entretanto, pertencia às fileiras do PSD. TRÓIS Fº, Antônio Canabarro. *Depoimento* (julho/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

<sup>49</sup> Both era membro do PRP, partido que ocupou entre 1959 e 1961 a Secretaria Estadual da Agricultura no Governo Brizola. A Reforma Agrária aos olhos deste partido não via as redistribuições de terras como solução para o problema agrário. Preconizavam uma política de assistência técnica, de educação e de crédito. De acordo com Harres (2011), os representantes da Secretaria naquele momento viam a redistribuição de terras como algo “demagógico” e com potencial “desestabilizador” do campo.

<sup>50</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 31/63, Canoas, 14/06/1963.

## 2.2. As crises do Governo Goulart sob o olhar dos vereadores canoenses

As turbulências vividas pelo Governo Goulart também foram discutidas entre os vereadores, crises essas decorrentes da tentativa de Jango em equilibrar-se entre o radicalismo das esquerdas ligadas ao seu próprio partido e aos movimentos sociais - que exigiam as Reformas de Base sob qualquer circunstância, e o radicalismo das direitas, que buscava impedir possíveis mudanças sociais. A crise da nomeação de San Tiago Dantas para o gabinete de primeiro-ministro, que acelerou o processo para o fim do parlamentarismo, é um exemplo: Dantas havia sido nomeado com o apoio dos movimentos nacionalistas, entretanto teve seu nome rejeitado pelo Congresso Nacional. Sobre o fato, o vereador Antônio Alves posicionou-se contrário à repressão aos movimentos sindicais que defendiam o nome de Dantas. Armando Wurth, por sua vez, respondeu:

(...) salientando notar de alguns anos para cá uma verdadeira pretensão de desmoralização ao Congresso Nacional. (...) Salientou ainda o vereador Wurth, que sí a maioria dos integrantes da Câmara Federal for contrário às pretensões do Sr. Presidente da República, ela deve ser acatada pois a mesma está representando o pensamento da maioria do povo brasileiro que elegeu ditos deputados. Declarou ainda que sí de fato as fôrças sindicais estão se reunido em Brasília para coagir o Congresso Nacional, êste fato é bastante grave.<sup>51</sup>

Para o trabalhista, os sindicatos estavam no direito de questionar o Congresso; para Wurth, tal decisão não deveria ser questionada, tampouco a Câmara Federal pressionada por grupos externos.

Aparentemente, a tensão seguiu-se com a indicação de Aldo Andrade para o cargo. Esse nome fora aprovado na Câmara, mas enfrentou forte resistência dos grupos nacionalistas, chefiada pelo PTB e pela Frente de Mobilização Popular<sup>52</sup> e acabou pedindo demissão, abrindo caminho para a nomeação de Brochado da Rocha (FERREIRA, 2003). Alves, então presidente da Câmara Municipal, convocou uma sessão extraordinária para se discutir a crise política. Nessa sessão, Alves expôs o temor de que o que estava ocorrendo era uma tentativa de retirar Goulart da presidência. Cogitou-se mesmo declarar-se sessão permanente na casa até que a situação fosse normalizada.<sup>53</sup>

<sup>51</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 48/62, Canoas, 25/06/1962.

<sup>52</sup> Sobre a FMP, ver capítulo 3.

<sup>53</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 50/62, Canoas, 4/07/1962.

A apreensão continuou com a revolta dos subalternos militares contra a inelegibilidade dos sargentos<sup>54</sup>. Na Câmara canoense, o PTB declarou apoio aos revoltosos: Alcides Nascimento propôs um requerimento pedindo a anistia dos sargentos; Zolmar Santos lera o manifesto do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e diz que ali estava “a posição da bancada trabalhista”<sup>55</sup>. Certamente, estava referindo-se à nota conjunta da CGT, Frente Parlamentar Nacionalista (FPN)<sup>56</sup> e União Nacional dos Estudantes (UNE) em favor da anistia dos sargentos (FERREIRA, 2003, p. 371). A resposta da oposição foi bastante radical e veio nas palavras do vereador Cirne Schmitt:

(...) declarando que os Vereadores da situação, hoje comunizados, vêm servindo como inocentes úteis para àqueles políticos que estão se elevando na política (...). Ao finalizar, ponderou o orador que, os falços (sic) democratas não venham para dentro desta Casa com lições de democracia, de vez que os demais vereadores à praticam puramente com espírito de brasilidade e dedicação ao seu povo.<sup>57</sup>

Se para os trabalhistas democracia era permitir que os subalternos militares pudessem assumir cargos eletivos, para a oposição, tal afirmativa não era válida. Ambos os lados desqualificavam-se um ao outro nesta luta, acirrando ainda mais as divergências.

Jango, isolado politicamente, no início de 1964, aprofundou seu discurso de esquerda e juntou-se definitivamente aos grupos nacionalistas, marcando para o dia 13 de março, na Central do Brasil, Rio de Janeiro, um comício em que iria declarar sua adesão oficial ao programa reformista<sup>58</sup>. A pressão vinda do presidente seria decisiva para que o Congresso cedesse e aprovasse as reformas de base – assim pensavam os

<sup>54</sup> O episódio da revolta dos subalternos militares ocorreu em 11 de setembro de 1963. Nesta data, o Superior Tribunal Federal julgou inelegíveis os sargentos eleitos no pleito de 1962 e estes iriam ter seus mandatos cassados. Devido a esta decisão, um grupo de militares revoltosos invadiu Brasília e tentaram tomar o poder via armas. Segundo Ferreira, algumas lideranças nacionalistas como Leonel Brizola envolveram-se direta ou indiretamente no movimento rebelde. A revolta acabou sufocada em dois dias, mas foi o suficiente para disseminar o medo e as desconfianças entre os grupos conservadores. (FERREIRA, 2003, p. 370-371)

<sup>55</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 67/63, Canoas, 23/09/1962.

<sup>56</sup> Segundo Delgado (2003), a FPN era a “porta-voz” dos reformistas dentro do Congresso: nela estavam agregados os políticos que defendiam as Reformas de Base e outros projetos de cunho progressista. Tratava-se de uma Frente Parlamentar ligada às esquerdas e que congregava grande parte dos deputados petebistas, mas também abrigava membros de outras agremiações partidárias que tivessem como bandeira a defesa da autonomia nacional. Em contraposição, havia no Congresso outra Frente Parlamentar, ligada aos movimentos das direitas: a Ação Democrática Parlamentar.

<sup>57</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 67/63, Canoas, 23/09/1962.

<sup>58</sup> O Comício do dia 13 de março de 1964 é apontado por muitos como o momento em que Jango, enfim, abria mão de fazer as reformas via negociação parlamentar e aderiu à posição da FMP de enfrentamento com os grupos antirreformistas. O comício reuniu em torno de 200 mil pessoas na Central do Brasil, teve discursos de várias lideranças políticas, como Brizola e Miguel Arraes, estudantis, sindicais e camponesas e contou com a assinatura de Jango para o decreto da Superintendência da Reforma Agrária (SUPRA) – que desapropriaria latifúndios próximos às rodovias federais e aos locais com obras construídas com recursos federais, dando um passo importante para a reforma agrária – e as encampações de refinarias particulares, o que afetaria muitos proprietários de terras e empresários. (FERREIRA, 2005, p. 319-374).

grupos reformistas e nacionalistas. Em Canoas, o clima já se encontrava abalado pelo caso da interceptação de um ônibus de agricultores sem-terras na cidade, noticiado no *Última Hora*, em meados de fevereiro: de acordo com o noticiado neste jornal, o DOPS havia impedido a ida de um grupo de sem-terras de Canoas para uma fazenda que os mesmos haviam herdado em Encruzilhada do Sul. A razão da ação policial seria porque havia pessoas na carroceria; entretanto, o jornal questionava o fato de o DOPS agir como polícia de trânsito<sup>59</sup>.

A repressão a esse movimento foi alvo de críticas de Osvaldo Alvarez<sup>60</sup> na Casa<sup>61</sup>. E foi justamente Alvarez que se manifestou primeiro após o comício de 13 de março:

Requerimento apresentado pelo vereador Osvaldo Alvarez, solicitando seja expedido telegrama ao Sr. Presidente da República, congratulando-se com as medidas tomadas por Sua Excelência, no dia 13 do corrente.<sup>62</sup>

Novamente foram os libertadores que reagiram e exprimiram suas posições contrárias sobre as medidas. Cirne Schmitt dizia não ser contra a reforma agrária – referindo-se, provavelmente, ao decreto da SUPRA - mas esta deveria ser “dentro de um espírito cristão, e não como está ocorrendo, onde impera a balbúrdia e anarquia com a pretendida implantação no Brasil do regime comunista.”<sup>63</sup>.

A revolta dos marinheiros<sup>64</sup>, ainda em março, e a anistia dada por Goulart aos revoltosos, feriu a hierarquia militar e acabou colocando o oficialato cada vez mais em oposição ao governo federal e os aproximando dos grupos golpistas tanto dentro da caserna como na sociedade civil. O dia 1º de abril de 1964 amanheceu com as tropas golpistas em marcha para a derrubada do Presidente da República. Em Canoas, o vice-

<sup>59</sup> *Última Hora*, Porto Alegre, 20 de fevereiro de 1964, p. 6-7.

<sup>60</sup> Osvaldo Alvarez era jornalista e estudante de Direito. Em Canoas, foi um dos fundadores da Ala Moça do partido, conforme a imprensa da época: “A Ala Moça do PTB do município, que tem como presidente o Sr. Osvaldo Moacir Alvarez (...) enviou ofício à redação do nosso JORNAL agradecendo a divulgação realizada por ocasião da fundação da Ala Moça do Partido Trabalhista Brasileiro da comuna. (...)” *O Gaúcho*, Canoas, 16 a 22 de fevereiro de 1963, p. 4.

<sup>61</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 13/64, Canoas, 9/03/1964.

<sup>62</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 15/64, Canoas, 16/03/1964.

<sup>63</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 15/64, Canoas, 16/03/1964.

<sup>64</sup> O episódio da revolta dos marinheiros, no dia 24 de março de 1964, ocorreu durante uma reunião dos subalternos da Marinha em que os mesmos comemorariam o segundo ano da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil. Após serem impedidos de fazer a comemoração, em ato público, pelo Ministério da Marinha, fizeram a manifestação no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, causando reação dos oficiais daquela força armada, que decretaram a prisão dos mesmos. No entanto, o Governo Federal, apoiado pelos grupos reformistas, anistiou os rebeldes, gerando insatisfações entre os militares de alta patente. Para Ferreira (2003), essa foi uma demonstração de quebra de hierarquia inaceitável para as Forças Armadas. O episódio acirrou ainda mais os conflitos pré-golpe entre o Governo e a oposição civil, que já articulava junto aos militares uma resposta, consumada em 1º de abril de 1964.



presidente da Casa, Dinarte Araújo (PL), convocou uma sessão extraordinária<sup>65</sup>, a qual o presidente do legislativo Melton Both (PRP) recusou-se a participar. Segundo ele:

Fui para a minha chácara. Nesse meio tempo o vice-presidente resolveu convocar uma reunião da Câmara em 1º de abril. Voltei e disse que não concordava com a reunião extraordinária. (...) Eu tinha receio dos excessos e que alguém poderia complicar sua vida frente aos militares. (...) Um vereador se complicou e ficou preso. Era do PTB e com idéias de esquerda. (PENNA, 2004a, p. 148)

Os vereadores que estiveram presentes nessa sessão e que foram entrevistados para esta pesquisa não se recordaram se havia ocorrido, de fato, tal prisão, mas Luiz Pereira de Souza<sup>66</sup>, vereador do MTR naquele momento, relata o que ouviu dos cidadãos nas ruas antes de entrar na Câmara naquele dia:

Eu me lembro que eu participei, eu participei dessa sessão, eu me lembro que.... a Câmara de Vereadores era ali no prédio de frente à praça da emancipação. Eu ia subindo as escadarias e tinha muita gente e eu me lembro que alguém disse assim: *o, vereador, cuida o que tu vai dizer, hein? Nós vamos tá te observando.* (grifos do autor).<sup>67</sup>

Os vereadores trabalhistas tomaram posição na defesa da democracia naquela tarde: Antônio Flores não acreditava que o movimento golpista prosperaria, “de vez que logo seria subjugado por parte daqueles que estavam dispostos a lutar pela legalidade”<sup>68</sup>. Elysio Belchior da Costa fez críticas ao presidente da Câmara pela sua ausência, insinuando que Both estivesse apoiando aqueles que “querem rasgar a constituição”. Cobrou também a atitude do Governador do Estado, Ildo Meneghetti: “(...) deixando consignado suas críticas ao Sr. Governador do Estado do Rio Grande do

<sup>65</sup> É interessante verificar o quanto os vereadores de Canoas faziam – ou demonstravam de forma explícita vontade de fazer - uso de sessões extraordinárias. Ocorreria no evento da Legalidade (Capítulo 3), na crise da indicação de Dantas para o gabinete ministerial em 1962, e no dia 1º de abril de 1964. Tal fato dá indícios de diferença de posturas e das especificidades entre as lideranças políticas de Canoas em relação a outras cidades, como Gravataí por exemplo. Righi (2011) lembra que neste município não houve mobilizações tão fortes nesses momentos de tensão. Um exemplo é o fato de a sessão do dia do golpe contra o Governo Goulart em Gravataí ter sido ordinária, ou seja, já estava marcada, enquanto em Canoas fora feita às pressas em função do desenrolar dos acontecimentos.

<sup>66</sup> Luiz Pereira de Souza foi vereador eleito pelo MTR em Canoas entre 1964 e 1969. Era farmacêutico de formação. Embora pertencesse ao um partido dissidente do PTB, nunca teve ligação com esta agremiação. Seu pai era tesoureiro do PSD, o que já mostra a sua vinculação com a vida política, como ele bem lembra: “Eu em princípio admirava muito o Fernando Ferrari, mas eu naquela época não participava muito da política, eu só observava. Mas eu tinha muita admiração pelo Ferrari. Agora, na realidade eu concorri pelo MTR, eu participei do MTR, porque alguns amigos meus que fundaram o partido aqui em Canoas, eles insistiram: “tu tem que ser nosso candidato a vereador e tal”, e acabei cedendo. Na época eu lembro que o meu pai, ele era tesoureiro do PSD e ele ficou até meio magoado comigo: “como é que tu vai concorrer pelo MTR, desses PTB”. O PTB na época era muito mal visto pelos outros partidos. “Pois é, mas foi o seu Plínio, o Coralino, fulano e beltrano, eles que me levaram pro MTR”. Aí finalmente acabei me inscrevendo e concorrendo pelo MTR.” SOUZA, Luís Pereira de. *Depoimento* (setembro/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

<sup>67</sup> SOUZA, Luís Pereira de. *Depoimento* (setembro/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

<sup>68</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 21/64, Canoas, 1º/04/1964.

Sul, por estar o Sr. Ildo Meneghetti ao lado dos que estavam mandando contra o Sr. João Goulart.”<sup>69</sup> Alberto Rodrigues Oliveira entendera que a postura da Casa serviria “para o povo ficar a par de que os vereadores não haviam silenciado ante tão angustiante problema.”<sup>70</sup> Mesmo o vereador do MTR Luiz Pereira de Souza colocou-se contra o golpe.

A voz dissonante fora a de Jacob Bruno Weissheimer, do PSD, que acusou Goulart de dar guarida ao comunismo. Antônio Canabarro Tróis Fº (PDC) pediu um posicionamento da Casa legislativa<sup>71</sup>, o que foi aprovado e chegou-se, novamente, a cogitar que a Câmara entrasse em sessão permanente, no entanto, optou-se por ficar de sobreaviso. Às 17 horas, a sessão foi encerrada.

Em suma, depreende-se que os vereadores canoenses não ficaram inertes aos acontecimentos em nível nacional. Pelo contrário, tanto os trabalhistas como os grupos de oposição procuraram demonstrar suas posições perante a radicalização do período. Ao apropriarem-se dos fatos que ocorriam, faziam suas leituras e tomavam suas decisões a partir das mesmas, mesmo que, muitas vezes, suas vozes encontrassem eco apenas naquele território delimitado do município. Ainda assim estavam representando o pensamento dos cidadãos da cidade, que os elegeram. Tanto as Reformas de Base como as crises políticas simbolizavam tal situação. Em ambos os episódios, nitidamente, a radicalização estava presente nas falas e nos discursos desses políticos, nos conflitos em plenário, nas manifestações ouvidas por estes nas ruas da cidade e na pressão popular. Aqueles homens tinham consciência do momento que viviam.

### **2.3. Petebismo e antipetebismo na Câmara: As eleições de 1962 e o duelo Medeiros/ Wurth**

A radicalização política também encontrou ressonância nas disputas estaduais e na municipal, levando em conta, evidentemente, as peculiaridades do processo político gaúcho: as divergências entre PTB e os partidos anti-PTB, liderados pelo PSD. De

<sup>69</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 21/64, Canoas, 1º/04/1964.

<sup>70</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS Ata 21/64, Canoas, 1º/04/1964.

<sup>71</sup> Sobre o requerimento proposto, Tróis Fº relata: “Eu queria uma nota oficial da câmara de Canoas. Com a constituição, o Jango era o presidente. Pra que tirar o Jango? Vamos encontrar outra solução, mas não abruptamente, violentamente”. TRÓIS Fº, Antônio Canabarro. *Depoimento* (julho/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

acordo com Bodea (1992), o PSD no Rio Grande do Sul afastou-se paulatinamente de Getúlio Vargas, no que ficou conhecido como “desgetulização” e/ou “udenização”<sup>72</sup> do PSD gaúcho. Tal situação acabou aproximando esse partido, de origem getulista, no estado, às oposições tradicionais ao trabalhismo: PL e UDN. Um grupo minoritário dentro do partido optou por formar uma dissidência: o PSD Autonomista<sup>73</sup>, que mais tarde seria incorporado ao PTB. Ao tratar desta peculiaridade do sistema partidário rio-grandense, Trindade acredita que:

A confrontação PTB/Anti-PTB do pós-45 em grande medida fugindo do padrão brasileiro dominante, é a reprodução no interior do sistema multipartidário de polarização preexistente, cuja origem histórica configurou-se no estuário da Revolução dos Farrapos, definindo o processo de estruturação das opções políticas regionais. Esse padrão torna-se mais consistente no Império (...) e explica, também, na República Velha, o estilo radicalizado do confronto entre conservadores-liberais (federalistas e libertadores) e conservadores-autoritários (republicanos positivistas). (TRINDADE, 2004, p. 82)

Todavia, o conflito PTB/Anti-PTB não se daria mais entre dois grupos de viés conservador: Karnikowski (1999) lembra que com a entrada em cena de novos atores sociais - ligados à urbanização e industrialização e que adquirem, com o fim do Estado Novo, a cidadania política -, esses encontram na agremiação trabalhista uma representação político-partidária, formando assim um novo tipo de polarização: trabalhistas *versus* conservadores. Já para Trindade (2004), deveu-se muito a ascensão do PTB junto a esses novos grupos sociais a aglutinação das forças de oposição conservadora contra o partido herdeiro do Getulismo, que iria refletir-se nas eleições de 1958, quando Leonel Brizola (PTB/PRP) concorreu contra Perachi Barcellos, este pelo bloco Frente Democrática (FD), reunindo PSD, UDN e PL. E em 1962<sup>74</sup>, quando o

---

<sup>72</sup> Oliveira (2008) entende que a “desgetulização” ocorrera desde a fundação do partido no RS em 1945, com a formação da ala Trabalhista, teve continuidade em 1946 com a perda de duas lideranças importantes para o PTB: José Loureiro da Silva e José Diogo Brochado da Rocha e consolidou-se com a saída dos membros que fundariam o PSDA, em 1949. Para Bodea (1992), as eleições de 1947, na qual o PTB optou por lançar candidato próprio ao invés de apoiar a indicação do PSD já indicava a “desgetulização”. O termo “udenização” é usado por Trindade (2004) como referência ao afastamento de Vargas e aproximação ao principal partido anti-Vargas no plano nacional: a União Democrática Nacional (UDN).

<sup>73</sup> Conforme Oliveira (2008) o PSDA origina-se de um conflito dentro do PSD gaúcho devido às eleições presidenciais de 1950 e marcou o fim do processo de “desgetulização” do partido no Rio Grande do Sul: de um lado, o grupo ortodoxo, favorável a candidatura de Cristiano Machado; de outro, um grupo ainda ligado ao getulismo e que defendia o apoio a Getúlio Vargas nas eleições. O PSDA destacou-se por auxiliar a campanha de Vargas no Rio Grande do Sul e após a mesma, foi incorporado ao PTB. Entre suas lideranças destacavam-se João Neves da Fontoura e Ernesto Dornelles.

<sup>74</sup> O Fator Ferrari nestas eleições é destacado por diversos autores como principal causa para a derrota do PTB. Fernando Ferrari, já estabelecido na sua sigla, o MTR, lançou sua candidatura ao governo estadual enfrentando o PTB e a ADP. Para Cánepa (2005), Cardoso e Flach (2007) e Trindade (2004), a cisão fora fundamental para retirada de votos do candidato trabalhista Michaelsen.

petebista Egydio Michaelsen foi derrotado por Ildo Meneghetti, representante do bloco da Ação Democrática Popular, com os mesmos partidos da FD, mais a adesão de PRP<sup>75</sup> e PDC.

Em Canoas, o padrão político de conflito seguia o modelo estadual. Os dois grandes partidos na cidade eram o PTB e o PSD<sup>76</sup>, e esse era apoiado pelas outras forças conservadoras, como o PRP e o PL. Nas Eleições de 1963, por exemplo, o PTB concorreu coligado ao PSP<sup>77</sup> e com o apoio do PSB<sup>78</sup>, enquanto o PSD agregou à sua coligação PL, PRP, UDN, PDC e MTR<sup>79</sup>. A própria alternância de poder repetiu-se em Canoas: depois de dois prefeitos nomeados ligados ao PSD – Aloísio Palmeira Escobar e Nelson Paim Terra, os canoenses elegerem em 1951 o petebista Sady Fontoura Schivitz, sucedido, em 1955 pelo perrepista – mas que se candidatou pela sigla do PSD – Sezefredo Azambuja Vieira; em 1959, o PTB retomou a prefeitura com o Coronel José João de Medeiros e a perdeu em 1963 para o ex-vice-prefeito na gestão de Vieira, Hugo Simões Lagranha, do PSD.

<sup>75</sup> Cabe lembrar que o Partido da Representação Popular (PRP) esteve coligado ao PTB em 1958. Para Bodea (1992) tal ligação deveu-se a fatores eleitorais. O PTB estaria buscando os votos das zonas coloniais, locais em que o PRP tinha considerável força. Cãnepa (2005) destaca, por sua vez, que Brizola tentou desvincular a imagem de que o PTB estaria ligado com um partido de direita. O posterior rompimento, de acordo com Harres (2011), deveu-se, em muito, a nova política agrária do governo Brizola, muito mais radical, e que ia contra o pensamento dos perrepistas, que até 1961, comandavam a pasta da Agricultura. Em 1962, o PRP acabou aliando-se à candidatura da ADP.

<sup>76</sup> Sobre o PSD em Canoas, Oliveira (2008) relembra a data de sua fundação, em julho de 1945, e que sua organização esteve diretamente vinculada às estruturas do estado, contando com a participação do Secretário do Interior do RS e membro do PSD, Cylon Rosa, nas nomeações dos seguintes prefeitos: Aluísio Palmeira Escobar (1941-1945) e Nelson Paim Terra (1945-1951). Tróis F<sup>o</sup> relata que o PSD fora o primeiro partido forte em Canoas, superado pelo PTB devido à “proletarização” da cidade: “Antes era o PSD que mandava, então houve uma mudança. Até esse período o PSD é que mandava na cidade. O presidente da câmara era do PSD. Todo mundo era PSD. Era o partido que mandava na cidade. O tabelião era PSD. Depois disso daí, houve uma reviravolta. O PTB assumiu a liderança e acho que foi esse o principal motivo: houve um êxodo, um aumento populacional muito forte de gente humilde que é muito sensível a este discurso que promete resolver os problemas, promete o paraíso.” TRÓIS F<sup>o</sup>, Antônio Canabarro. *Depoimento* (julho/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

<sup>77</sup> Sobre as definições das coligações nas eleições de 1963 em Canoas, ver FCC (2005, p. 156) e DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PTB/CANOAS. Ata 37, 29 de agosto de 1963, Canoas.

<sup>78</sup> Segundo depoimentos de Tróis F<sup>o</sup> e Souza, o Partido Socialista Brasileiro (PSB) era o partido em que os comunistas canoenses participavam das eleições: “(...) o partido (PCB) era ilegal, (...) o PSB era o mais visado pelos comunistas. A gente comentava: “o cara era candidato pelo PSB? Então o cara é comunista”, a gente já pensava isso.” SOUZA, Luiz Pereira de. *Depoimento* (setembro/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

<sup>79</sup> O MTR canoense optou pela coligação junto ao candidato do PSD Hugo Lagranha, segundo Souza: “Foi natural, foi natural, não chegou a ter contrariedades, que não seria o Lagranha. Ele era muito benquisto dentro do grupo que fundou (o MTR em Canoas)... Porque aquela tal coisa: O MTR era uma divergência do PTB, ela era anti-Brizola. Nosso ídolo, líder político era o Fernando Ferrari. Depois ele morreu, mas sempre ficava a lembrança do Ferrari, e se manteve aquilo ali. Então os componentes do MTR que tavam ali eram pessoas assim, que, mais ligados ao grupo do Lagranha do que propriamente ao grupo do PTB.” SOUZA, Luiz Pereira de. *Depoimento* (setembro/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

**Quadro 2 – Prefeitos de Canoas (1939-1969)**

<b>Prefeito</b>	<b>Partido</b>	<b>Mandato</b>
Edgar Braga da Fontoura	-	1939-1940
Aluísio Palmeira Escobar	-	1941-1945
Nelson Paim Terra	PSD	1945-1951
Sady Schivitz	PTB	1952-1955
Sezefredo Azambuja Vieira	PSD/PRP	1956-1959
Cel. José João de Medeiros	PTB	1960-1963
Hugo Simões Lagranha	PSD (até 1965)/ARENA	1964-1969

Fonte: FCC (1998a; 1999; 1998b; 2003; 2004; 2005; 2006).

Em que pese à importância dos estudos de Trindade quanto às confrontações políticas no Rio Grande do Sul deste período, é preciso lembrar que não fora apenas a união das oposições que explicava algumas derrotas trabalhistas: deve-se enfatizar que a força do PTB em Canoas – que existia e era bastante relevante – não costumava ser tão representativa com relação às eleições municipais. Como vimos, havia considerável alternância de poder na cidade, o que significa dizer que o partido sofreu algumas derrotas. A que se deveu tais reveses? O caso canoense nos apresenta um exemplo de que as divergências internas no trabalhismo também ajudavam a entender algumas das derrotas do PTB, como as já referidas aqui entre Medeiros e Flores, mas também casos como o das eleições de 1955, em que um grupo trabalhista – incluindo o futuro prefeito José João de Medeiros - lançou candidaturas dissidentes pela sigla do PSP<sup>80</sup>. Além disso, são recorrentes nas fontes os conflitos internos do partido, o que não era uma novidade com relação ao PTB, em qualquer nível, onde as discussões e lutas internas eram comuns – como a já citada entre Goulart e Ferrari. Portanto, é necessário relativizar algumas conclusões como a de que o PTB fora vitimado pelos grupos anti-PTB: em muitos casos, e Canoas surge como um destes, as explicações para alguns fracassos estavam dentro do próprio partido e de suas disputas intestinas.

De qualquer forma, Canoas repetia, em que pese suas especificidades, a disputa política tradicional do Rio Grande do Sul daquela época, entre PTB e os grupos anti-PTB, e que se apresentava mais acentuada ainda devido aos conflitos existentes entre os grupos reformistas e conservadores no âmbito nacional. Essa radicalização se expressava, por exemplo, nas eleições estaduais de 1962 na disputa entre dois

<sup>80</sup> Sobre as eleições de 1955: “Maurício Muller concorreria ao cargo de Prefeito, em 1955, obtendo 2301 votos e ficando em terceiro lugar. Disputou o pleito pelo PTB, enquanto José João de Medeiros, também trabalhista, dissidente, concorreu pelo PSP e recebeu 3503 votos. Sezefredo Azambuja Vieira foi eleito com 4609.” (FCC, 2003, p. 10).

vereadores locais que concorriam a uma vaga na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul: Edson de Medeiros e Armando Wurth<sup>81</sup>. O primeiro era filho do prefeito e havia sido eleito com uma grande votação na cidade<sup>82</sup>, além de ser claramente identificado com o Governo Leonel Brizola, como revela o trecho desta coluna intitulada *Roteiro*, escrita por Medeiros para um jornal local, em maio de 1961:

Na vanguarda do pensamento e da ação política, Brizola, mesmo sem a cobertura de sua Bancada na Assembléia (permanentemente alheia e acovardada) recoloca-se ao lado do povo, comungando dos mesmos sentimentos da gente riograndense.<sup>83</sup>

O segundo já era um político local conhecido, tendo sido Secretário de Educação e Assistência Social na administração Sezefredo Vieira e também tendo obtido uma boa votação para vereador em 1959.

Possivelmente, ambos lançaram suas candidaturas confiando no capital político adquirido junto aos canoenses, traduzido nas votações eleitorais e nos seus vínculos com o poder público municipal. A disputa entre esses dois líderes surgia como uma expressão local da luta política estadual entre o PTB e o PSD e é mais um exemplo da radicalização política em Canoas.

Na Ata 44, de 14 de junho de 1962, Medeiros acusara um vereador de estar-se utilizando da estrutura do estado para angariar votos – clara referência a Antônio Flores, apoiador de Lamaison Porto, então secretário da Saúde do Estado, como já referido. No entanto, foi Wurth que respondeu a denúncia de Medeiros:

Comentando amplamente êste assunto, disse o Vereador Armando Wurth, esperar que não influam neste aspecto, não só o oficialismo Estadual, como o oficialismo Municipal, como de fato está ocorrendo presentemente. Dito isto, citou o Vereador Armando Wurth o caso das professoras exoneradas por terem declarado que não votariam no candidato Edson Medeiros. Concluindo, afirmou o Vereador Armando Wurth que a sua luta será muito mais árdua, pois que trabalhará apenas com o apóio dos amigos e eleitores, não dispondo de certas armas de candidatos que acima apontou.<sup>84</sup>

Armando Wurth, então sem possibilidades de utilizar a máquina pública local, dirigiu os ataques àquele que, segundo acusações, fazia tal uso. Curiosamente, Medeiros

---

<sup>81</sup> Havia ainda a candidatura do vereador Orestes Ferla pelo PRP, embora esse fosse vereador eleito pelo PTB. Essa dissidência reforça a ideia de que o PTB local tinha vários conflitos internos, se somarmos as discussões entre Medeiros e Antônio Flores, já citadas neste trabalho.

<sup>82</sup> Medeiros fora o candidato a vereador mais votado em 1959 com 1260 votos. Dados em Ranincheski (1998, p. 42)

<sup>83</sup> *Gazeta de Notícias*, Canoas, 2º quinzena de maio de 1961, p. 2. Sobre o brizolismo em Canoas, ver Capítulo 3 desta monografia.

<sup>84</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE CANOAS. Ata 44/62, Canoas, 14/06/1962.

raramente comparecia nas sessões nesse período, o que permitiu que as atas registrassem apenas ações de um lado contra o outro. Wurth tinha censurado um candidato por estar lhe fazendo críticas pela rádio local - provavelmente Medeiros:

(...) afirmou o Vereador Armando Wurth, que muito embora não tivesse Sua Senhoria feito nenhum pronunciamento através de Emissoras de Rádio, etc., atacando qualquer um dos Senhores candidatos, isto não estava acontecendo para consigo por parte de alguns candidatos à Deputação Estadual.<sup>85</sup>

Além de queixas de utilização de salas da Câmara por parte de Medeiros feita pelo pessedista<sup>86</sup>, houve algumas acusações curiosas, como o caso da distribuição irregular de aves: Wurth solicitara envio de ofício à secretária da Agricultura para saber como se dava a distribuição desses animais na cidade. Ferla denunciou que apenas “conseguiam pintos os elementos fichados no PTB”<sup>87</sup>. Wurth, ao retomar a palavra, declarou “que não houve nenhum critério de distribuição, e afirmando ainda esperar que esta distribuição não fosse feita só em época de eleições”<sup>88</sup>.

É digno de nota que Wurth não fazia críticas de cunho programático ou ideológico: seus apartes giravam em torno da utilização da administração pública municipal por Medeiros, o que certamente vem ao encontro do que Cánepa (2005) diz sobre os discursos dos candidatos ao governo do Estado naquela eleição. Naquele contexto de radicalização e de mobilizações sociais, todos os programas – mesmo do candidato da ADP, Ildo Meneghetti – encaminharam-se para o tema das “reformas”, ou seja, um discurso reformista, embora a autora enfocasse as diferenças entre os “reformismos” propostos pela ADP<sup>89</sup> e pelo PTB. Não caberia a Wurth, portanto, fazer críticas a essa questão, mesmo que fosse possível saber que o adversário no município era brizolista. Como veremos adiante, Edson de Medeiros era o vereador trabalhista mais ligado aos movimentos nacionalistas e reformistas, e a Leonel Brizola. Além do mais, tal assunto – o reformismo social - certamente tinha boa aceitação junto ao eleitorado local.

<sup>85</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE CANOAS. Ata 21/64, Canoas, 1º/04/1964.

<sup>86</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 80/62, Canoas, 25/09/1962.

<sup>87</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 73/62, Canoas, 03/09/1962.

<sup>88</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 73/62, Canoas, 03/09/1962.

<sup>89</sup> De acordo com Cánepa (2005), a ADP fez uma campanha pautada, obviamente, em críticas ao Governo Brizola, mas adotou em seu programa um discurso desenvolvimentista e reformista, embora enfatizando a “manutenção da ordem e da segurança” contra o caos simbolizado pelos trabalhistas e por Brizola. Tal postura deveu-se a conjuntura nacional em que o tema das Reformas de Base estava em voga.

Ao fim do pleito, ambos não se elegeram, embora Medeiros tenha alcançado uma vaga de suplente<sup>90</sup>. Meneghetti se elegera governador, fato comemorado pelo vereador libertador Dinarte Araújo: para esse, foram eleitos “aqueles que mereciam ser eleitos” e esperava “que nas próximas eleições o povo tome a mesma atitude que tomou no recente pleito realizado”<sup>91</sup>. Antônio Flores (PTB) criticou a fala do governador eleito de que nunca havia perdido para o PTB: Flores lembrou que perdera sim, em Porto Alegre e em Canoas e que o mesmo não iria “corresponder à confiança dos que lhe elegeram”<sup>92</sup>. De fato, em Canoas o PTB mostrou que tinha eleitorado, bastando comparar os dados estaduais com a votação no município:

**Quadro 3** – Eleições para Governador do Rio Grande do Sul (7/10/1962)

<b>Candidatos</b>	<b>Partidos</b>	<b>Votos</b>	<b>%</b>
Ildo Meneghetti	ADP	502.356	37.10
Egydio Michaelsen	PTB	480.131	35.46
Fernando Ferrari	MTR	290.384	21.45
Branços		41.510	3.08
Nulos		39.316	2.91
<b>TOTAL</b>		<b>1.353.697</b>	<b>100</b>

Fonte: Arquivo TRE/RS, Livros I e II, apuração das eleições de 1962.

**Quadro 4** – Eleições para Governador do Rio Grande do Sul: Resultados em Canoas.

<b>Candidatos</b>	<b>Partidos</b>	<b>Votos</b>	<b>%</b>
Egydio Michaelsen	PTB	10.224	40,35
Fernando Ferrari	MTR	7.856	30,99
Ildo Meneghetti	ADP	5.242	20,69
Branços		994	3,92
Nulos		1027	4,05
<b>TOTAL</b>		<b>25.343</b>	<b>100</b>

Fonte: Arquivo TRE/RS, Livros I e II, apuração das eleições de 1962.

Michaelsen saiu-se vitorioso em Canoas, e, além disso, Ferrari ficou a frente da candidatura de Meneghetti. Em outras palavras, o PTB continuava exibindo forte presença junto ao eleitorado canoense. Assim como o próprio trabalhismo, considerando que Ferrari era uma dissidência do PTB.

<sup>90</sup> Ver nota 40.

<sup>91</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 87/62, Canoas, 11/10/1962.

<sup>92</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 89/62, Canoas, 18/10/1962.



### 2.3.1. O governo Meneghetti e as repercussões entre os vereadores

Retomando a fala de Flores, a vitória do candidato da ADP não encontraria repercussões apenas porque este se identificava com os grupos políticos de oposição ao governo federal e aos projetos reformistas dos trabalhistas. A partir desse resultado a radicalização consolidou-se também dentro das disputas locais. Ou seja, mais do que apenas discutirem e tomarem posições frente aos antagonismos no campo político brasileiro e gaúcho, os vereadores canoenses apropriaram-se com eficiência das discussões nacionais e as reinterpretoaram, utilizando-as na luta política municipal. Em outras palavras, estavam os canoenses operacionalizando a radicalização política no jogo local.

O Governo Meneghetti é alvo das discussões entre os vereadores locais: Edson de Medeiros fez uma acusação dura ao governador e à sua relação com a administração municipal, que ainda tinha como prefeito o trabalhista José João de Medeiros. Sem dúvida, a ligação do prefeito com o antecessor Leonel Brizola era mais aproximada, o que permitiu o auxílio do governo estadual para trazer investimentos como a REFAP, da Petrobrás. Desta vez os contatos seriam com um governo de oposição. Edson de Medeiros colocara que a paralisação dos serviços de água potável na Vila Niterói seria responsabilidade do Governo do Estado:

(...) salientou o vereador Edson Medeiros, que ao que parece está se positivando aquilo que o Governador do Estado disse, ou seja, *que enquanto existir Governo Trabalhista no Município de Canoas, o Estado nada fará por esta cidade*<sup>93</sup> (itálicos meus).

Completo citando outras duas obras que também estariam abandonadas pela administração Meneghetti: o Posto de Higiene e o Posto de Puericultura da Vila Niterói.

Sobre essas obras, Melton Both respondeu aos trabalhistas ressaltando não haver “má-vontade” por parte do governador, mas que a mesma não dependia do Estado, uma vez que era uma empresa particular que estava construindo os postos. Both fez críticas não só à bancada do PTB, mas também ao governo estadual anterior:

(...) concluiu o vereador Melton Both, declarando considerar que *a verdade é que o Governo anterior nada fez por Canoas, e as tais Escolas que os Petebistas tanto falam, elas em verdade foram construídas, mas que não esqueçam Suas Senhorias que estas Escolas foram construídas às expensas*

---

<sup>93</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 29/63, Canoas, 06/06/1963.

*do Município, o que prova existir muita leviandade nas críticas ao Governo atual*<sup>94</sup>. (grifo do autor)

A réplica do trabalhista Alcides Nascimento foi forte: acusava de “criminosa” a paralisação de tais obras.

Mesmo a política de repressão do governo gaúcho aos movimentos sociais fora alvo de contestações dos trabalhistas. Medeiros criticou a reação policial contra os bancários em greve em Porto Alegre:

Falou o Vereador Edson Medeiros, dizendo que deixava consignado o seu protesto contra o aparato policial que o Govêrno do Estado implantou, fazendo com que as ruas da capital mais se pareça (sic) como uma Praça de Guerra. (...) que discordava que êste govêrno que se elegeu sob a égide da Paz e tranquilidade, esteja tomando tais atitudes. Se solidarizou (...) com a greve dos bancários e, (...) disse que o movimento grevista dos Bancários merecia todo o apôio de tôda a sua bancada (...).<sup>95</sup>

O pessedista Manoel Calbo defendeu a atitude do governo estadual, opondo-se ao pensamento de Medeiros e, de certa forma, atacando a posição da maioria dos trabalhistas:

Ponderou (...) o Vereador Manoel Calbo que o que a Polícia está fazendo é zelando pela segurança do povo e unicamente quem discorda desta atitude são os que se interessam pela anarquia e a desordem.<sup>96</sup>

O governo Meneghetti, portanto, passou a ser o centro dos debates naquele momento, especialmente quanto a sua relação com o município. Os trabalhistas assumiram posições mais homogêneas e tornaram-se grandes críticos da administração estadual e de suas ações para Canoas, denunciando que a mesma dava pouca atenção ao município devido ao fato da administração local ser ligada ao PTB. A sucessão municipal em 1963 catalisaria ainda mais estes conflitos entre petebistas e antipetebistas, somando-se ainda a grande enchente que atingiu o município em outubro do mesmo ano.

<sup>94</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 34/63, Canoas, 20/06/1963.

<sup>95</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 69/63, Canoas, 30/09/1963.

<sup>96</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 70/63, Canoas, 03/10/1963.

#### 2.4. “se a oposição quer luta, os trabalhistas entrarão nela”: A radicalização na disputa municipal de 1963

De acordo com a coluna política assinada por Rafael Ghisleni<sup>97</sup>, em março de 1963, no jornal *O Gaúcho*<sup>98</sup>, as eleições de 1963 seriam o enfrentamento de “duas facções tradicionais”: O PTB, como situação; e a ADP, como oposição. Repetia-se em Canoas, a contenda estadual, com a diferença de que o MTR estaria ao lado da ADP. Entretanto, as forças trabalhistas não tinham definido os nomes para sua chapa: na coluna, cogitava-se 7 nomes. Por seu turno, a ADP já havia definido seus candidatos, faltando definir apenas quem seria o cabeça-de-chapa: Hugo Lagranha ou o então vice-prefeito Jacó Longoni (PRP). Ao fim, Lagranha fora o candidato a prefeito. O PTB, de fato, demorou em definir sua candidatura: as atas do Diretório Municipal indicaram que só se havia chegado a um nome – de David Lanner - ao fim do mês de junho<sup>99</sup> e ainda sem definições sobre quem seria o candidato a vice e que partidos apoiariam a candidatura petebista<sup>100</sup>.

No plenário municipal, a apropriação da radicalização visando ao pleito local era notória. O PTB, como se viu, estava envolvido em suas divergências internas, que o fizeram atrasar-se na escolha da candidatura. Todavia, o partido apostava na sua força eleitoral na cidade. Medeiros e Flores faziam uso do nome de Brizola como o grande líder trabalhista e o defenderam quando este fora objeto de ataque por parte da oposição:

Lamentou o Vereador Antônio Soares Flores, as críticas feitas contra o Deputado Leonel Brizola por parte do candidato João Manoel Baladão, e inclusive por parte do Vereador Dinarte Araújo. (...) Ponderou (...) a necessidade da campanha transcorrer-se dentro de um clima de alto nível de educação política e de amizade entre os candidatos dos diversos partidos, *mas se a oposição quer luta os Trabalhistas também entrarão nela.*<sup>101</sup>(grifos do autor)

Em 30 de setembro, o prefeito Medeiros licenciou-se do cargo por motivos de saúde, e como o vice-prefeito eleito Jacó Longoni era candidato à reeleição, quem tomou posse foi o presidente da Câmara Municipal, Dinarte Araújo (PL). A posse de

<sup>97</sup> *O Gaúcho*, Canoas, 16 a 22 de março de 1963, s/p.

<sup>98</sup> O semanário *O Gaúcho* foi fundado em Canoas em 20 de outubro de 1962, sendo uma sucursal de jornal de mesmo nome que circulava em Porto Alegre. Entre seus colaboradores estavam nomes conhecidos do PTB local como Osvaldo Alvarez, Nilton Leal Maria e Mário Porto Inda. O democrata cristão Canabarro Tróis Fº também fora colaborador. (PFEIL, 1995, p. 479).

<sup>99</sup> DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PTB/CANOAS. Ata 30, 29 de junho de 1963, Canoas.

<sup>100</sup> Sobre a escolha das candidaturas do PTB em Canoas nas eleições de 1963, ver Angeli (2011, p. 8-9)

<sup>101</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 62/63, Canoas, 05/09/1963.

Araújo causou reações imediatas entre os petebistas: Zolmar Santos, um dia após a posse do prefeito interino, acusou este de impedir um feirante da Vila Niterói de trabalhar pelo fato de o mesmo ser o único na feira livre que não estaria fazendo propaganda para o candidato a prefeito da ADP, Hugo Lagranha. Além disso, lembrou o discurso do prefeito Medeiros que, ao entregar o cargo, tinha dito que “possivelmente o Vereador Dinarte Araújo teria mais sorte, recebendo do Govêrno do Estado o apôio necessário para a conclusão das obras que se encontram paralizadas, nêste município.”<sup>102</sup>. Em outras palavras, a primeira resposta do PTB foi de que, com um prefeito da ADP, o governo estadual prestaria assistênciã à cidade. Edson Medeiros seguiu a mesma linha:

(...) passou o Vereador Edson Medeiros a tecer críticas ao Governador Ildo Meneghetti, que abandonou o município de Canoas, sómente atendendo agora, que está assumindo a prefeitura um membro da A.D.P. (...) Concluindo, disse (...) que o Govêrno do Estado só auxilia os seus apaniguados, os que são de sua grei.<sup>103</sup>

A enchente em outubro de 1963<sup>104</sup>, faltando um mês para as eleições, aguçou ainda mais o ambiente de radicalização na cidade. O PTB, sem poder fazer uso da estrutura da prefeitura, assistiu a administração interina de Araújo solucionar problemas ligados às cheias, conseguindo até reunir-se com o Governo Estadual para a busca de auxílio para os desabrigados. Ainda em outubro, José João de Medeiros retornou à prefeitura e, segundo a oposição, por “pressão política”<sup>105</sup>, que seria do próprio filho, Edson Medeiros, para impedir o andamento do governo de Araújo. Este, por sua vez, acusou o prefeito interino de montar uma “ADP na prefeitura”<sup>106</sup>. Ao fim, nas eleições, acabou se confirmando a vitória do candidato da ADP, Hugo Lagranha, sobre o trabalhista David Lanner<sup>107</sup>.

Depreende-se daqui que a radicalização também esteve presente nas discussões locais; não se debatendo, nesse caso, questões mais estruturais e ligadas ao plano nacional, como as reformas sociais, mas assuntos ligados ao cotidiano da cidade, articuladas com a atuação do governo estadual junto ao município. Os conflitos político-

<sup>102</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 70/63, Canoas, 03/10/1963.

<sup>103</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 73/63, Canoas, 10/10/1963.

<sup>104</sup> Sobre a enchente de 1963, não se encontrou muitas informações além das atas. O que se pode dizer é que não se tratava de algo incomum na cidade e atingia principalmente as Vilas Rio Branco e Niterói devido à localização próxima ao Rio dos Sinos e por serem áreas planas, propícias a problemas de cheias do rio. (PENNA, 2004b; 2004c).

<sup>105</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 77/63, Canoas, 24/10/1963.

<sup>106</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 77/63, Canoas, 24/10/1963.

<sup>107</sup> Lagranha elegeu-se com 13.420 votos, contra 9.324 de Lanner. (FCC, 2005. p. 73)

partidários tornaram-se claros nas discussões entre ambos os lados e na defesa que cada parte fez dos seus pontos de vista e de suas lideranças nos níveis mais amplos. Para o debate local, temas como as obras de infraestrutura, a construção de postos de saúde ou os problemas advindos de enchentes e cheias de rios, como no caso canoense, ganharam mais destaque, pois cativavam muito mais os eleitores do que discutir problemas mais gerais – o que não significa dizer que os mesmos não ocorressem, como já vimos aqui. Ao mesmo tempo, o clima político do período, de animosidade, era também reproduzido e reinterpretado pelos líderes políticos no jogo eleitoral local.

**Quadro 5** – Câmara de Vereadores de Canoas: 4ª Legislatura (1959-1963)

<b>Partidos</b>	<b>Vereadores</b>
PTB	Edson de Medeiros <sup>108</sup> / Zolmar Santos
	Nilo César Del Cueto Reis
	Alcides Nascimento
	Antônio Soares Flores
	Orestes Ferla
	Antônio Ferreira Alves
PSD	Armando Wurth
	Manoel João Calbo
	Almerindo Rosa da Silveira
PRP	Alberto Rodrigues de Oliveira
	Sezefredo Azambuja Vieira <sup>109</sup> / Melton Both
PL	Dinarte Andrade Araújo
	Cirne Alves Schmitt

Fonte: Ranincheski (1998, p. 42).

#### **2.4.1. A pequena revolução redentora de Lagranha: a administração do PSD e os conflitos com o PTB**

A vitória de Lagranha foi comemorada por Araújo:

(...) declarou o Vereador Dinarte Araújo, que podem todos ficarem certos que a partir de 1º de janeiro de 1964, tudo vai mudar na máquina administrativa do município, com um Governo de trabalho e realizações<sup>110</sup>

<sup>108</sup> Ao longo do mandato, Medeiros tirou várias licenças, que permitiram a Zolmar Santos assumir a cadeira daquele ao longo da 4ª legislatura.

<sup>109</sup> Renunciou ao mandato em 1960, e Melton Both, então suplente, o substituiu e concluiu o mandato. (PFEIL, 1995, p. 463-464)

<sup>110</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 84/63, Canoas, 18/11/1963.

De fato, a luta política ganhou novos contornos com a posse de Lagranha. Este já era um político conhecido, nascido em Alegrete e funcionário público do estado. Fora vice-prefeito entre 1956 e 1959 e candidato a prefeito em 1959, sendo derrotado por José João Medeiros (PTB). Trabalhou ainda como assessor na Assembleia Legislativa em 1960 e assessor no Governo Meneghetti durante o ano de 1963.<sup>111</sup> Notoriamente não era simpático aos seus adversários políticos do PTB, o que deixou manifesto em um trecho de seu discurso de posse:

O Brasil, assim como esta cidade, está repleto de salvadores, de messias que na realidade, apenas, querem satisfazer seus egocentrismos, galgar posições avantajadas; não creiam nessa espécie perigosa, não irão além do que são, não têm essência, são vazios e oportunistas. (FCC, 2006. p. 37)

Ao referir que não só no Brasil, mas também na cidade (Canoas) existiam os “messias”, ele está indiretamente colocando-se em oposição ao PTB, que era visto pelos adversários dessa forma. O prefeito eleito não deixou por menos: são vazios, sem conteúdos, ou seja, apenas faziam “agitações”. Além de que, segundo Lagranha, eram uma “espécie perigosa”, provavelmente fazendo referência ao perigo comunista. Enfim, esse trecho transparecia o pensamento de Lagranha no campo político nacional. Não se trata de julgar esse político ou qualquer outro líder: ele está localizado dentro de um campo político, em um momento de crises e conflitos nesse mesmo campo, e que tinha e expunha suas crenças e seus valores. Enfim, apresentava as suas concepções políticas, assim como a outra facção do embate, representada por determinados setores das esquerdas, e que em Canoas encontrava na figura de Edson de Medeiros o seu principal expoente.

A legislatura eleita em 1963 era favorável a Lagranha. Foram eleitos 5 vereadores do PTB, contra 8 dos partidos aliados do prefeito. (ver Quadro 6). Já na segunda sessão daquele ano, em 6 de janeiro, começavam a surgir queixas por parte da oposição trabalhista quanto à exoneração de funcionários públicos na prefeitura vinculados ao PTB:

(...) fez uso da palavra o Vereador Osvaldo Moacir Alvarez ,(...), ponderou ter verificado que a atual Administração, já nos seus primeiros dias de atividade, vem efetuando pressões políticas contra o funcionalismo, culminando com a exoneração de uma simples servidora por pertencer a

---

<sup>111</sup> Informações contidas em FCC (2006, p. 10).

mesma as hostes do PTB. (...) declarou que êstes acontecimentos muito lhe entristecia, mas esperava que estivesse enganado e que não haverá mais demissões de funcionários como muito se propala. (...), declarou o vereador Alberto Oliveira, que a funcionária exonerada foi informada pela pessoa que estava respondendo pela diretoria do DEP que a mesma seria despachada pelo fato de ter trabalhado para os candidatos do PTB.<sup>112</sup>

As denúncias eram graves. Exigiam resposta rápida do Governo. Três Fº trouxe para a sessão seguinte uma resposta do executivo: o prefeito havia esclarecido as razões da exoneração da funcionária e estes seriam meramente trabalhistas, garantindo que a mesma tinha saído com todos os direitos garantidos<sup>113</sup>. Em nota<sup>114</sup>, o prefeito explicava os motivos e negava possível motivação político-partidária para a exoneração. Alegou questões financeiras<sup>115</sup> - herdadas da administração anterior- e lembrou-se de alguns servidores sabidamente trabalhistas que foram mantidos e até ascenderam dentro da máquina administrativa municipal.

Percebe-se que Lagranha procurou comprovar que estava agindo apenas com o intuito de aprimorar os serviços da prefeitura, embora deixasse transparecer seu posicionamento de oposição ao governo anterior e àqueles que o apoiavam. Se as mudanças eram necessárias, eram devido aos problemas herdados da administração trabalhista de Medeiros.

A explicação relacionada à demissão da funcionária pública não convencera os petebistas. Em março, Antônio Flores, ao declarar contrariedade a um projeto vindo do executivo quanto a novas contratações de servidores, alegou que:

(...) havia votado contra o projeto em foco, por considerar que seu conteúdo não passa de um golpe político, motivo porque manifestava a sua desconformidade com a perseguição que está existindo na prefeitura, contra os funcionários.<sup>116</sup>

O mesmo vereador teria ouvido rumores de que o chefe do executivo havia dito ao prefeito de Viamão que “perseguirá os adeptos do PTB na prefeitura.”<sup>117</sup>

Boato ou não, o fato era que Lagranha governava Canoas seguindo o modelo do Governo do Estado, do seu correligionário e ex-chefe Ildo Meneghetti: conforme Cánepa (2005, p. 394) a gestão deste caracterizava-se como desmobilizadora e

<sup>112</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 02/64, Canoas, 06/01/1964.

<sup>113</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 03/64, Canoas, 09/01/1964.

<sup>114</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS, 9 de janeiro de 1964. UPHAM/AHC.

<sup>115</sup> Ver íntegra da nota no Anexo II

<sup>116</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 14/64, Canoas, 12/03/1964.

<sup>117</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 20/64, Canoas, 30/03/1964.

repressora com relação às manifestações sociais e reivindicatórias, bem como realizando exonerações e novas contratações na máquina pública, modificações essas feitas com viés ideológico, mas também visando empregar aliados políticos. Agrega-se ainda o ambiente político vivido na época, de intensas divergências e ataques entre as forças antagônicas políticas, nos âmbitos nacional e estadual. Retomando o discurso de posse de Lagranha, era preciso ter cuidado com as “espécies perigosas” e não seria desejável manter adversários políticos na prefeitura, considerando suas posições ligadas ao reformismo e ao brizolismo, da qual Lagranha opunha-se, ao menos, nos termos em que os trabalhistas locais a colocavam.

Alguns depoimentos oportunizam olhar a ação do prefeito naquele momento como um reflexo claro da radicalização política do período. Nilton Leal Maria relatou que sua exoneração se dera pelo fato de ter guardado em uma gaveta uma foto de Brizola, que havia ganhado de presente de outra servidora:

(...). É aquela foto que eu tinha na gaveta, foi a alegação do Sr. Simões Lagranha para me pôr pra rua da prefeitura, arbitrariamente. Ele me chamou e me mostrou a foto. Aí eu disse: Mas eu sou Jango, sou trabalhista. E ele disse: Mas agora quem manda é a revolução, agora tu vai embora bem quietinho. (RANINCHESKI, 1998, p. 123-124)

Maria ainda descrevera a chegada do prefeito eleito, no dia de sua posse, no prédio da administração, para conhecer o corpo de funcionários. Lagranha, ao chegar, teria dito: “Eu não quero ver nenhum desses PTB dentro da prefeitura” (RANINCHESKI, 1998, p.126). Mesmo aliados, como o ex-vereador Luiz Pereira de Souza, lembram que Lagranha tinha uma postura fortemente antitrabalhista:

(...) é possível porque o Lagranha, ele era uma pessoa honesta, mas muito dura, durão, e político, né? Quem não é a meu favor, é contra mim, né? Então é possível que ele tenha exonerado muita gente por pertencer ao partido (PTB).<sup>118</sup>

Concluindo, cabe dizer que Lagranha não agiu assim por natureza ou algo neste sentido: reafirma-se que o prefeito de Canoas, naquele período, estava inserido em um cenário de forte radicalização política e que o mesmo tinha tomado o seu lado nessa luta de ideias e de poder. O golpe, conforme Ferreira (2005, p. 400), fora contra o PTB, suas práticas políticas e, acrescentamos aqui, a cultura política trabalhista, conforme

---

<sup>118</sup> SOUZA, Luiz Pereira de. *Depoimento* (setembro/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.



mencionada por Ferreira (2005), que correspondia aos anseios e desejos de seus partidários e simpatizantes. Sendo assim, a administração Lagranha exercia uma oposição a este projeto. Com isso, assim como tantos outros, temia as ações do PTB, vistas como extremadas em sua defesa do reformismo social. Lagranha estava, portanto, procedendo de acordo com as suas ideias políticas, correntes naquele momento, e que retratava um dos lados do conflito político na disputa local, levando em consideração, logicamente, as especificidades dessa luta em relação aos níveis maiores do campo político. Não é por acaso que, em 1969, ao enviar um ofício para o Governador do Estado, Perachi Barcellos, narrando algumas ações “subversivas” de alguns vereadores oposicionistas, Lagranha escreveu:

(...), Vossa Excelência terá oportunidade, (...), (de) constatar nossas afirmativas que são todas baseadas em documentário que vem ser anterior a 31 de março de 1964, iniciada nossa ação logo após termos assumido o Governo municipal desta cidade, no dia 2 de janeiro de 1964. *Sem falsa modéstia, Sr. Governador iniciamos em nossa administração uma pequena revolução que foi conjugada com o movimento de redenção da pátria brasileira, em 31 de março.*<sup>119</sup>(grifos do autor)

Canoas, aqui, é um microcosmo do que ocorre em nível nacional e estadual. A radicalização política pré-golpe encontrou terreno no município para ser construída e produzida de um modo específico e peculiar em relação às outras esferas e a outros municípios do país.

---

<sup>119</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. Ofício 87/ 523/ 69, de 26 de junho de 1969 – folha 2. UPHAM/AHC.

**Quadro 6** – Câmara de Vereadores de Canoas: 5ª Legislatura (1964-1969)

<b>Partido</b>	<b>Vereadores</b>
PTB	Alberto Rodrigues de Oliveira
	Antônio Ferreira Alves
	Antônio Soares Flores
	Elísio Belchior da Costa
	Osvaldo Moacir Alvarez
PSD	Jacó Bruno Weissheimer
	Almerindo Rosa da Silveira
PL	Cirne Alves Schmitt
	Dinarte Andrade Araújo
PDC	Antônio Canabarro Tróis Fº
	Lina Plentz Alves
PRP	Melton Inácio Both
MTR	Luiz Pereira de Souza

Fonte: Ranincheski (1998, p. 43).

### **3. O BRIZOLISMO ENTRE OS TRABALHISTAS CANOENSES**

Este capítulo tem como objetivo tratar da atuação de Leonel Brizola enquanto líder atuante na defesa das reformas de base ao longo da década de 60 e os reflexos desta junto aos canoenses, partindo do conceito de brizolismo estabelecido por Sento-Sé (1999). Ou seja, analisar suas atitudes e os motivos das mesmas serem praticadas por parte considerável de seus partidários naquela localidade. Como bem ressaltou Sento-Sé, o brizolismo representava não apenas a imagem de Brizola, mas também – e principalmente - suas ideias e sua cultura política. As mesmas são acompanhadas ativamente por inúmeros correligionários que as adaptam e as reinterpretem de acordo com seus pensamentos e suas ações. Não se trata de adeptos que agem inconscientemente, mas sim que adotam as mesmas bandeiras e as contextualizam de acordo com seus hábitos, com o local onde vivem, etc.

Na Câmara canoense ocorreram tanto louvações e apupos por parte dos correligionários como também críticas e ofensas por parte dos opositores com relação ao trabalhista. Logo, muitas representações relacionadas a este entrarão em jogo nos debates legislativos e, novamente, não serão apenas discussões sobre o homem Leonel Brizola, mas sim sobre as ideias e propostas que o político Leonel Brizola representa no campo político brasileiro daquele contexto.

Dois episódios marcantes serão analisados aqui: o Movimento da Legalidade e seus ecos junto aos vereadores locais e o comando de Brizola junto aos movimentos reformistas, especialmente a Frente de Mobilização Popular (FMP) e seus aderentes em Canoas.

#### **3.1. Brizola, cidadão de Canoas: o Movimento da Legalidade e suas repercussões**

No dia 25 de agosto de 1961, o país foi pego de surpresa com a notícia da renúncia de Jânio Quadros da Presidência da República. O susto foi ainda maior quando se tomou conhecimento de que a intenção dos ministros militares era de impedir a posse do petebista João Goulart, vice-presidente eleito em 1960. Para Ferreira, foi naquele momento em que a radicalização política ficou perceptível:

Entre os últimos dias de agosto e os primeiros de setembro de 1961, o país conheceu de perto a possibilidade da guerra civil. Dentre os vários projetos políticos que se apresentavam como alternativa de poder, e cuja concorrência somente aumentaria até o desfecho de 1964, dois se sobressaíram naqueles dias. Em um extremo, o governador trabalhista do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, representante da ala mais à esquerda do Partido Trabalhista Brasileiro; em outro, o líder direitista Carlos Lacerda, governador do estado de Guanabara, que apoiou entusiasticamente a tentativa de golpe dos ministros militares. (FERREIRA, 2005, p. 284)

Brizola, então governador gaúcho, colocou-se na liderança do movimento em favor da posse de Jango e contra o pretendido golpe militar. De acordo com Cánepa (2005), a Campanha da Legalidade foi o instante em que ocorreu uma virada no Governo Brizola: a partir da sua capacidade em mobilizar a sociedade gaúcha em favor da Legalidade, o governador adquiriu projeção nacional, postando-se como uma liderança emergente e que fez a opção pela posição de defensor de reformas sociais junto aos movimentos sociais, o que causou fissuras na relação de sua administração com a oposição conservadora, bem como com aliados como o PRP (CÁNEPA, 2005, p.279-285). O rompimento com os perrepistas propiciou, segundo Harres (2011), ao governo trabalhista atuar de forma mais progressista em projetos como a reforma agrária.

Na Assembleia Legislativa gaúcha, a repercussão foi imediata: a mesma definiu-se pela defesa da posse de Jango, em que pese à existência de divergências quanto à solução parlamentarista e no que diz respeito às atitudes de Brizola, como ressaltou Brandalise (2011). A Assembleia preferiu entrar em sessão permanente durante aqueles dias, prática essa seguida por outras casas legislativas.

Na Câmara canoense, a recepção da notícia da renúncia de Quadros iniciou-se com algumas confusões: Dinarte Araújo considerara a alternativa dos vereadores retornarem para casa “prontos para qualquer consignação que fossem necessárias”<sup>120</sup>. Edson de Medeiros apoiou o requerimento de encerramento da sessão proposto por Araújo e evocou que o caso lembrava “com exatidão” o 24 de agosto de 1954, numa referência ao episódio do suicídio de Getúlio Vargas. O trabalhista Antônio Alves desconsiderava tal possibilidade, avaliando o estilo pouco ortodoxo do presidente, pois já seria a terceira vez que o presidente renunciava e o mesmo podia ainda reconsiderar. Armando Wurth defendeu o requerimento e disse:

---

<sup>120</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 66/61, Canoas, 25/08/1961.

(...) que temia houvesse interesse para provocar uma revolução e que considerava a suspensão dos trabalhos altamente interessante, muito mais do que debater-se qualquer matéria que tivesse na Casa (...) que os senhores vereadores deveriam ficar de prontidão em suas casas (...) e em caso necessário se reunissem (...) para estudarem o caminho a tomar.<sup>121</sup>

Ao fim, decidiu-se pela entrada em sessão permanente, devido ao um novo temor de Wurth. Para o vereador pessedista, qualquer coisa poderia ser fechada no país, inclusive as Câmaras Municipais<sup>122</sup>. Percebe-se nas falas a preocupação com os acontecimentos e a lembrança de episódios que, se não eram semelhantes, ao menos traziam à tona novamente as disputas políticas entre os grupos getulistas e os grupos mais ligados aos conservadores.

O Movimento adquiriu grandes proporções: através da Cadeia da Legalidade – cadeia de rádios ligadas à Rádio Guaíba, encampada por Brizola - obteve-se a expansão da mensagem de Brizola para o país e a viabilizou-se a obtenção de novos adeptos ao movimento. Porém, mais importante ainda foi o apoio do General Machado Lopes, comandante do III Exército, à Campanha. Em Canoas, o vereador Alberto Oliveira propôs a mudança do nome da Avenida Victor Barreto para General Machado Lopes<sup>123</sup> - uma clara demonstração de que os fatos que ocorriam paralelamente em Porto Alegre eram percebidos pelos vereadores canoenses.

Os poucos indícios sobre o que ocorria nas ruas da cidade dão conta de que na vida cotidiana Canoas também viveu aqueles dias sob permanente tensão. Tróis Fº relembra: “Muita gente se assustou, se fechou em casa, gente que saiu da cidade, foi se esconder, saiu de Canoas até.”<sup>124</sup>. Souza lembra-se de um episódio que ocorreu num daqueles dias:

Eu me formei farmacêutico em 1960, e eu instalei uma farmácia aqui na Vila Fernandes, e tinha um movimento razoável até. E eu me lembro que na época da Legalidade, teve um que saiu e me disse assim, na rua, eu ia caminhando na rua de noite, e disse, e me perguntou: “Luiz, tu tá armado?” digo: “não, não tô, por que?” “Tem que andar armado, rapaz, esses caras perigoso, da Legalidade, eu to armado, olha aqui.” E ele tava com um revólver na cintura, que barbaridade! E eu disse, “não, não uso arma, e tal.” E ele disse: “não, mas tem que andar armado.” A única lembrança que eu tenho da Legalidade é isso, que a coisa tava feia, o pessoal falava que tinha que usar arma e tal, mas eu não participava de nada.<sup>125</sup>

<sup>121</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 66/61, Canoas, 25/08/1961.

<sup>122</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 69/61, Canoas, 30/08/1961.

<sup>123</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 70/61, Canoas, 04/09/1961.

<sup>124</sup> TRÓIS Fº, Antônio Canabarro. *Depoimento* (julho/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

<sup>125</sup> SOUZA, Luiz Pereira de. *Depoimento* (setembro/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

Mesmo a formação de Comitês de Voluntários não foi algo incomum em Canoas, como destacou uma nota do jornal de Porto Alegre *Diário de Notícias* em que afirma que “Nos inúmeros comitês organizados (em Canoas), têm sido grande a afluência do voluntariado que se inscreve para uma grande mobilização.”<sup>126</sup> Aproximando-se, portanto, do tipo de organização realizada em Porto Alegre, a partir do Comitê Central de Resistência Democrática, assim como nas cidades do interior, como bem informou Ferreira (2005, p. 288-289).

Convém também lembrar a importante rebelião ocorrida na base aérea de Canoas. Ela teria sido acionada para que bombardeasse o Palácio Piratini, local onde Brizola fazia seus discursos e recebia seus apoiadores. Tal situação não encontrou guarida entre os setores subalternos da Aeronáutica, que impediram a decolagem dos aviões armados em direção ao Palácio do governo gaúcho<sup>127</sup>.

Em suma, em consonância com o que ocorria em Porto Alegre e outras cidades, Canoas também estava mobilizada favoravelmente à defesa da Legalidade e às ações de Brizola. Todavia, na Câmara de Vereadores tal posicionamento só se tornou mais visível após o término da campanha, com a posse de João Goulart no dia 7 de setembro de 1961.

Logo no dia 11 de setembro, Antônio Flores – na ocasião, presidente da Câmara – requereu homenagens a Leonel Brizola, General Machado Lopes, Dom Vicente Scherer e ao Coronel Alfeu Monteiro, Comandante da Base Aérea. Propôs também junto ao prefeito municipal que estes nomes fossem declarados cidadãos canoenses, o que prontamente foi aceito pela bancada do PTB<sup>128</sup>. O assunto só voltaria a ser discutido enfaticamente no mês de novembro, quando o projeto de lei finalmente foi votado. Nessa sessão operou-se aquilo que Sento-Sé entende por brizolismo. Em um ambiente radicalizado, foi a partir das imagens representadas por Brizola que se estabelecem os conflitos e as divergências, tanto políticas como de ideias. A posição de conflito entre Brizola e Dom Vicente Scherer, por exemplo, impediu o voto favorável de Manoel Calbo e Cirne Schmitt. Este ponderava não ser “aconselhável”<sup>129</sup> em função da incompatibilidade entre o governador e o Arcebispo de Porto Alegre<sup>130</sup>.

---

<sup>126</sup> *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 7 de setembro de 1961, s/p. IN: FCC (2005, p. 179-180).

<sup>127</sup> Ver Rolim (2009, p. 141-160)

<sup>128</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 72/61, Canoas, 11/09/1961.

<sup>129</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 108/61, Canoas, 28/11/1961.

<sup>130</sup> Embora Dom Vicente Scherer tenha apoiado e participado o Movimento da Legalidade, nunca escondeu suas convicções políticas – mais próximas dos conservadores – e também sua pouca simpatia por Leonel Brizola, como relata Silveira. Em entrevista a aquele autor, Scherer deixou claro que seu envolvimento fora meramente para tranquilizar a população, sem envolver-se nas atitudes do então governador. (SILVEIRA, 1991, p. 195-205).

Outra alegação oposicionista era de que Brizola nada havia feito por Canoas para merecer tal título: “concordava e mesmo elogiava a atitude do Sr. Governador, iniciando o Movimento da Legalidade, mas que o título de cidadão canoense só caberia para aquilo que fizesse diretamente para Canoas.”<sup>131</sup>, disse Armando Wurth, auxiliado por Melton Both. Outra forma dos oposicionistas contestarem a concessão do título era acrescentar, por emenda ao Projeto de Lei, outras personalidades para serem homenageadas: Almerindo Silveira pediu concessão do título para o presidente da Assembleia Legislativa, da Câmara de Vereadores de Porto Alegre e até ao comandante da Brigada Militar. Operava-se a recusa a Brizola, a recusa à imagem representada por esse político. Por sua feita, os trabalhistas revelavam o seu apreço por Brizola e, refletindo a tese de Sento-Sé<sup>132</sup>, caminhavam no sentido de apoiá-lo, de produzirem suas noções próprias – e positivas - quanto à atuação de Brizola e de provar que ele não havia feito algo só por Canoas, mas sim pelo Brasil e pela democracia. E era esse o reconhecimento que estavam sugerindo. O proponente do projeto, Antônio Flores, assim declarou:

(...) em torno daquilo que tanto o Sr. Governador como as demais autoridades que se propunha na sugestão homenagear-se, fizeram pela defesa dos direitos democráticos do povo brasileiro, e reportando-se ainda sobre as atividades desta Câmara naquela oportunidade. Finalizando, declarou que o título de cidadão de Canoas era mais do que justo porque as autoridades referidas salvaram o Brasil dos golpistas.<sup>133</sup>

Nilo Del Cueto Reis seguiu o mesmo caminho: para este, fora a vitória da democracia contra a ditadura. Ao fim, a iniciativa foi aprovada, e em 1962 Brizola recebeu o título de cidadão canoense.

### **3.2. A adesão ao radicalismo brizolista: o papel de Edson de Medeiros como líder petebista radical no legislativo canoense**

O Movimento da Legalidade catapultou, segundo os autores aqui estudados, a liderança nacional de Leonel Brizola e ajudou a legitimar junto a setores consideráveis das esquerdas suas atitudes cada vez mais extremadas em defesa das reformas de base e

<sup>131</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 108/61, Canoas, 28/11/1961.

<sup>132</sup> “Talvez os discursos daqueles que aderem (ao líder) sejam, até mesmo, mais importantes. Dessa perspectiva, a adesão a que se convencionou chamar de brizolismo como a produção tácita ou explícita de um mosaico de imagens, cujo contorno é revelador de uma auto-imagem possível e plausível (por que não?) daqueles que fazem dela (a adesão) a forma privilegiada de engajar-se nos debates pertinentes à esfera pública.” (SENTO-SÉ, 1997, p. 26)

<sup>133</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 108/61, Canoas, 28/11/1961.

do nacionalismo. Não podemos esquecer, evidentemente, neste ponto, a contribuição teórica de Pierre Bourdieu: ao propor representações do mundo social, os agentes políticos estão interessados na adesão dos cidadãos e na luta por aqueles princípios, mas também buscam a conquista de poder e a sua legitimação junto aos homens comuns (BOURDIEU, 1989, p. 173-174). No caso de Brizola, a sua luta reformista também tinha esse viés do “jogo duplo”, de conquista de poder político.

De qualquer forma, Brizola, após ser eleito deputado federal por Guanabara, com uma votação recorde, fundou, no início de 1963, a Frente de Mobilização Popular. Sobre esta, Ferreira nos diz:

Ali estavam reunidas as principais organizações de esquerda que lutavam pelas reformas de base. A FMP esforçava-se para que João Goulart assumisse imediatamente o programa reformista, sobretudo, a reforma agrária, mesmo à custa de uma política de confronto com as direitas e os conservadores, (...). A frente liderada por Brizola procurava convencer Goulart a implementar as reformas de base unicamente com seu apoio político, desconhecendo outras organizações do leque partidário brasileiro, inclusive os de centro. (FERREIRA, 2007b, p. 547)

Esse agente, portanto, levou aos extremos o programa político do PTB pós-Getúlio Vargas, como ressaltou Gomes (1994, p. 133-160); de um PTB renovado, articulado aos movimentos sociais e às bases populares, mas que procurava atuar de forma direta, junto à sociedade, ultrapassando os limites representativos. Muitas vezes até ignorando as oportunidades de negociações via instituições parlamentares como o Congresso Nacional, entrando, diretamente, na “Estratégia do Confronto”, já referida.

Esse é mais um momento representativo para entendermos o brizolismo e sua apropriação em Canoas: o fato de representar o reformismo radical, de sua palavra em defesa das reformas “na lei ou na marra” ser ouvida e respeitada, legitima Brizola enquanto liderança de setores das esquerdas e o leva a ter inúmeros apoiadores dentro da sociedade brasileira, apoiadores que abraçavam sua causa. Esses representavam tanto quanto o então deputado a política do confronto e do radicalismo. Brizola a personaliza, mas as imagens e representações que o político gaúcho defendia estão de acordo com os anseios e os interesses dos seus simpatizantes – ou a repulsa e a rejeição por parte de seus opositores. De acordo com Sento-Sé:

O brizolismo é um caso típico de adesão ao líder carismático e há nele indícios mais do que eloquentes do personalismo que o sustenta. Ocorre, porém, que tal personalismo tem como condição de possibilidade a constatação de que Brizola, sua *persona* pública, é expressiva de um conjunto



de representações sociais fortemente enraizadas na cultura brasileira (...).  
(Sento Sé, 1997: 26)

Em Canoas, o PTB como um todo apresentava posições muito similares as de Brizola, mas não há dúvidas de que Edson de Medeiros desempenhava com maior vigor a visão e a postura do ex-governador gaúcho junto aos trabalhistas canoenses. Sobre Medeiros, Tróis Fº dá um depoimento importante: “Ele era estudante de medicina. Ele criou a União Canoense dos Estudantes. Foi o presidente. Funcionou na casa dele, na Dr. Barcelos, a sede. Ele era militante, bastante militante.”<sup>134</sup>. A fundação da UCE deu-se em 1953.<sup>135</sup> Além da militância estudantil, Medeiros – que, cabe lembrar, era filho do Prefeito de Canoas José João de Medeiros (1960-1963) - costumava escrever nas páginas dos periódicos locais. Seus discursos, ainda antes de ser vereador, eram influenciados pelo nacionalismo trabalhista, como neste artigo em que comentou as eleições municipais de 1959:

O espírito e as idéias que determinaram a encampação da Companhia de Energia Elétrica serão postos em julgamento nas próximas eleições de 8 de novembro. A destemida posição assumida pelo Governador do Estado, intervindo pela primeira vez na vida de uma empresa norte-americana, repercutiu em todo o país. E em todo o Brasil se aguarda, com viva expectativa, o pronunciamento do povo gaúcho, particularmente de Canoas e Pôrto Alegre, a favor da atitude patriótica e nacionalista de Leonel Brizola. Temos redobradas esperanças para afirmar de que se o nosso povo, como se espera, apoiar nas urnas as medidas de Encampação, nós partiremos resolutamente para novas e definitivas vitórias na luta pela emancipação nacional<sup>136</sup>.

Portanto, ainda antes de Brizola radicalizar suas ações, Medeiros já simbolizava em Canoas o PTB mais próximo do discurso popular, de emancipação e de nacionalismo, que, com o tempo e os acontecimentos, tenderia cada vez mais a tornar-se mais extremista. Sua atuação difere-se ainda mais ao ser acusado de “comunista”, como havia ocorrido em 1961: a denúncia foi feita por Armando Wurth quando Medeiros falou na Câmara em favor da legalização do Partido Comunista Brasileiro<sup>137</sup>. Ser visto

<sup>134</sup> TRÓIS Fº, Antônio Canabarro. *Depoimento* (julho/2012). Entrevistador: Anderson V. Torres. Canoas: (s.l.), 2012.

<sup>135</sup> “A UCE, entidade que congrega os estudantes de todos os cursos de Canoas, foi fundada em 21 de abril de 1953. Destina-se a aproximar a classe estudantil, batendo-se por suas aspirações, procurando desenvolver entre eles o espírito de colaboração e amizade mútua. A UCE mantém ativa manifestação cultural através de conferências, palestras, concertos, etc. No setor assistencial, (...) tem distribuído farto material escolar. Ainda neste sentido instalou e vem mantendo a Clínica Dentária Gratuita da UCE. É seu presidente o acadêmico Edson de Medeiros.” (FCC, 2003, p. 23).

<sup>136</sup> *Gazeta de Notícias*, Canoas, 7 a 13 de novembro de 1959, s/p.

<sup>137</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 88/61, Canoas, 06/11/1961.

como comunista naquela conjuntura certamente nos fala muito sobre este líder local e suas experiências, afinal, essa expressão comumente era associada pela oposição ao próprio Brizola e aos manifestantes pró-reformas, devido a suas manifestações e protestos agressivos e de viés fortemente de esquerda.

Em 1963, quando Brizola tomou para a si o discurso extremado, Medeiros colocou-se na Câmara como o adepto mais próximo desta fala. São inúmeras atas do ano em que Medeiros postou-se favoravelmente às reformas e corroborou com as formas de manifestação empreendidas por Brizola via FMP. Defendia também a necessidade de superar as instituições representativas visando à aplicação das reformas. Cabe aqui frisar algumas dessas falas. Em abril, por exemplo, Medeiros aderiu e pediu a adesão dos colegas ao movimento nacionalista:

(...) com a palavra o vereador Edson Medeiros dizendo que naquela data iniciava-se um movimento que poderia marcar época na história brasileira, ou seja, a campanha de opressão e mobilização popular contra o Congresso Nacional. Manifestando o seu pensamento sobre êste movimento (...) o considerava justo e oportuno para arrancar do Congresso as necessárias reformas de base. Declarou ainda que o citado movimento popular que muitos querem considerá-lo de agitação, mas que em verdade não é, torna-se necessário, uma vez que esta é a última solução para os problemas do país. (...) considerava finalmente, que todos os brasileiros deveriam se unirem para dar maior força ao referido movimento de mobilização popular.<sup>138</sup>

A aproximação à oratória de Brizola era clara, e, mais do que isso, Medeiros inseria-se como uma espécie de porta-voz do reformismo radical em Canoas, conclamando a que todos participassem das mobilizações pró-reformas:

(...) convidou o vereador Edson Medeiros à todos os vereadores desta Casa, independentemente das côres partidárias, para comparecerem na Rádio Real, dia 7 do corrente às 21:00 horas, ocasião em que seria lançado o movimento de mobilização popular, visando a aprovação das reformas de base por parte do Congresso.<sup>139</sup>

Mesmo lideranças estaduais eram cobradas por Medeiros: ao reforçar o papel do PTB na pressão em prol das reformas, cobrou o mesmo empenho de outros políticos:

<sup>138</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 16/63, Canoas, 29/04/1963.

<sup>139</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 18/63, Canoas, 06/05/1963.

(...) falou o vereador Edson Medeiros, (...) salientando que os pronunciamentos de outros Partidos não tem sido formal pois não tem uma participação direta no problema. Disse ainda o orador que o PTB faz comícios em tôda e qualquer oportunidade, fato êste que não acontece com os outros Partidos. Que deseja ver os Deputados Raul Pilla e Paulo Brossard e outros, a quem muito respeita, lutando pelas Reformas de Base, como se fossem os representantes do PTB.<sup>140</sup>

Sublinha-se o desembaraço de Medeiros, pois estava cobrando de dois líderes antitrabalhistas, filiados ao PL - partido de origem anti-getulista - as suas participações em apoio ao movimento reformista. Provavelmente não teria estes apoios, mas é profundamente esclarecedora tal postura, refletindo novamente o brizolismo de Medeiros, e o seu desembaraço ao provocar os libertadores convocando-os para a mobilização pró-reformas. Tentava trazer ao lado do povo, alguns representantes reconhecidamente antipovo, na linguagem corrente da época, conforme Ferreira (2007b: 550-555).

A defesa veemente de Brizola e de toda carga representativa que este tinha também fazia parte das falas de Medeiros: em 1º de julho, o vereador se posicionou contra os ataques sofridos via imprensa por Brizola,

(...) falou o Vereador Edson Medeiros, protestando contra um movimento incetado através de uma cadeia de rádio e televisão, atacando a pessoa do deputado Leonel Brizola. (...) considerou o vereador Edson de Medeiros, o que está êste movimento fazendo é uma seqüência abominável de ataques, infâmias e injúrias. (...), disse o Vereador Edson Medeiros que pode constatar na convenção do PTB e inclusive junto aos camponeses a grande insatisfação por esta onda de ataques. (...) que tal atitude ocasionará a revolta do povo a tal ponto de procurar fazer justiça pelas próprias mãos, pois embora os tempos mudassem Leonel Brizola não irá suissidar-se, e junto com êle o povo fará a mudança que o Brasil tanto necessita.<sup>141</sup>

Na fala de Medeiros é novamente o povo que surgia como protagonista, ao lado de Brizola, e ainda retomava um episódio trágico para os trabalhistas: o suicídio de Vargas, mas que com Brizola aquilo não iria acontecer e as modificações viriam a partir de sua liderança. Não se trata de uma defesa cega ao chefe, mas sim, da crença que havia não só em Medeiros, mas na maioria dos trabalhistas de Canoas na atuação radicalizada de Brizola.

<sup>140</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 26/63, Canoas, 30/05/1963.

<sup>141</sup> CÂMARA DE VEREADORES DE CANOAS. Ata 38/63, Canoas, 01/07/1963.

Com exceções<sup>142</sup>, a maior parte dos trabalhistas – tanto os vereadores como os membros da executiva – estavam ao lado do deputado de Guanabara: em uma reunião da executiva do partido, Antônio Flores sugeriu que se fizesse um ato de desagravo ao “grande líder nacionalista Deputado Leonel Brizola”<sup>143</sup>, chegando a formar uma comissão para organizar tal ato. Na Câmara, os vereadores Zolmar Santos e Alcides Nascimento costumavam secundar Medeiros na intensidade dos pronunciamentos, defendendo Brizola. No entanto, foi Medeiros que executou com maior eficiência tal apropriação do brizolismo, não somente pelas suas falas – retomando novamente Sento-Sé – tão valiosas quanto as do próprio representante nacional – mas também por sua postura, por suas propostas e por sua militância extra-parlamentar, sempre íntimas do nacionalismo trabalhista. Não por acaso, Edson Medeiros, que era deputado suplente em 1963 e 1964, conforme já vimos aqui, mesmo sem ter assumido a vaga na Assembleia Legislativa, teve seu mandato cassado<sup>144</sup>. Certamente porque os seus discursos tinham alguma representatividade enquanto líder petebista – e brizolista.

---

<sup>142</sup>As únicas exceções eram Orestes Ferla – chegou mesmo a candidatar-se a deputado estadual em 1962 pelo PRP, como já referido neste trabalho. Outros apoiavam as medidas reformistas, mas eram mais comedidos, como os vereadores Antônio Ferreira Alves e Elysio Belchior da Costa.

<sup>143</sup>DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PTB/RS, Ata 31, 30 de junho de 1963, Canoas.

<sup>144</sup>Conforme Cãnepa, Medeiros teve seu suplência cassada e seus direitos políticos suspensos por decreto da Presidência da República publicado no Diário Oficial da União em 7 de maio de 1964 e lida na sessão da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em 11 de maio de 1964. Junto com Medeiros, foram cassados outros 7 deputados estaduais e 11 suplentes de deputados estaduais, ligados ao PTB e a ARS. (Cãnepa, 2005, p. 410).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conflitos e as divergências políticas vividas no Brasil entre os anos de 1945 e 1964, radicalizados partir da década de 1960, tem sido temas de inúmeros trabalhos da historiografia recente brasileira. Aqui, procurei dar uma contribuição a estes trabalhos analisando tal tema a partir de um local específico – o município de Canoas -, com seus atores até então desconhecidos. Buscou-se olhar as experiências e vivências em um grupo político local: como receberam, interpretaram e apropriaram os acontecimentos políticos daquele período, como os utilizaram nas lutas políticas locais.

Foi possível verificar que estes personagens não estavam afastados ou distantes dos acontecimentos: ao contrário, inseriram-se dentro do campo político, nos limites possíveis devido ao local em que atuavam, e procuraram agir defendendo ou atacando as propostas que surgiam no campo político nacional, ou mesmo as usando na luta política local.

Verifica-se, desta forma, o quanto é importante trazermos as experiências vividas neste período a partir de localidades menores: certamente Canoas é um caso específico e peculiar, mas seria muito interessante poder fazer uso dos estudos comparativos e analisar a realidade desta localidade com outras que viveram tão intensamente quanto Canoas a radicalização política. Seria importante para vermos se houve repercussões relacionadas às reformas de base e as crises políticas vividas no período; para percebermos se também faziam uso destes embates nas contendas municipais; para analisarmos comparativamente como se deu a adesão ao radicalismo brizolista. Enfim, poderemos reparar diferenças e semelhanças entre as localidades e as repercussões sofridas pelas mesmas com relação a esta época de grande intensidade na vida política brasileira pré-1964.

Deste ponto de vista, este trabalho complementa aquele já feito por Righi (2011), com relação ao município de Gravataí/RS e Vieira (2011) referente à capital gaúcha, Porto Alegre. Ambas as monografias buscaram analisar, a partir de fontes legislativas, como se dera a radicalização política nestas duas localidades.

Com relação a Canoas, podemos notar que a atuação do PTB quase sempre esteve sintonizada com o projeto trabalhista nacional: as lideranças locais, com pouquíssimas exceções aderiram ao reformismo social. Mais do que isso, pode-se constatar que a defesa a este projeto era feita em discursos na Casa legislativa e também dentro do diretório local, assim como fora destes espaços, como a imprensa.

Além disso, as lideranças trabalhistas locais apoiaram, em sua maioria, a liderança de Leonel Brizola na defesa das reformas sociais. Assim como este, adotaram discursos e falas mais radicais, assim como o defenderam de ataques sofridos por parte dos opositores locais. Em outras palavras, os trabalhistas canoenses, em sua maioria, optaram por apoiar os discursos e as atitudes de Leonel Brizola e do seu grupo reformista, o que é notório na Câmara de Vereadores e nas reuniões do partido na cidade. Em que pese a existência de divergências internas no âmbito partidário, na relação dos membros petebistas da cidade com os acontecimentos em nível estadual e federal, é evidente o vínculo nas falas, nas experiências e nas ligações que tinham junto a outras esferas do partido. Edson de Medeiros era o líder local que sintetizava tais posições naquele local. A radicalização, logo, era bastante clara entre os agentes político-partidários de Canoas.

A oposição, por sua vez, também fizera uso dos mecanismos da radicalização nas disputas com os trabalhistas: seja enquanto oposição municipal, minimizando o papel do PTB e de Brizola enquanto líder nacionalista; seja já como grupo eleito para administrar a cidade, em que fez uso da máquina pública para opor-se aos partidários do PTB. O exemplo da administração de Lagranha é sintomática neste sentido: sua atuação enquanto prefeito da cidade deu-se de acordo com o pensamento político dos grupos mais conservadores, ou seja, exerceu o poder visando afastar indivíduos ligados ao PTB da prefeitura municipal, operando de forma coerente com a radicalização política nacional em Canoas, com suas especificidades e peculiaridades em relação ao nacional e regional, bem como em relação a outras localidades do país.

Acredito que novos trabalhos poderão auxiliar na busca de novos indícios e, principalmente, recuperar trajetórias que são tão importantes quanto às dos grandes líderes nacionais como Leonel Brizola, João Goulart, Carlos Lacerda, entre outros. O papel das “pessoas comuns”<sup>145</sup>, como bem nos lembra Jorge Ferreira, é tão fundamental quanto os das grandes lideranças políticas do período, pois permite analisarmos falas e discursos que até então eram esquecidos, ou vistos por uma historiografia mais antiga apenas como reiteração do que o líder “populista” dizia. Achamos aqui exatamente o oposto: as personagens menores em importância institucional não necessariamente são

---

<sup>145</sup> “São homens e mulheres, velhos e jovens, pobres e assalariados de baixa renda em geral que, a seu modo, participaram ativamente da política brasileira naquele período, engajando-se no projeto político conhecido como trabalhismo.” (Ferreira, 2005, p. 13).

menores para a análise do tema, pois não eram meros repetidores, mas sim, faziam apropriações e reinterpretações daquilo que era defendido pelas lideranças nacionais.

Em suma, esperamos que este trabalho seja apenas o início de novos estudos sobre a radicalização política vista a partir de territórios mais específicos e mais localizados, trazendo a tona novas falas e novas experiências políticas do período.

## FONTES CONSULTADAS

### Fontes Documentais

Acervo Hugo Simões Lagranha. Unidade de Patrimônio Histórico do Arquivo e Museu/ Arquivo Histórico de Canoas.

Atas da Câmara de Vereadores de Canoas – 1961 a 1964. Arquivo da Câmara de Vereadores de Canoas.

Atas do Diretório Municipal do PTB/Canoas – 1962 a 1964. Acervo Pessoal de Douglas Souza Angeli.

Dados eleitorais referente a Canoas nas eleições de 1958 e 1962. Núcleo de Pesquisas Eleitorais do Rio Grande do Sul/UFRGS.

Livros de apurações das eleições de 1958 e 1962. Arquivo do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul.

### Depoimentos

Antônio Canabarro Três Filho – depoimento concedido ao autor em 17 jul. 2012.

Luíz Pereira de Souza – depoimento concedido ao autor em 4 set. 2012.

Nilton Leal Maria – depoimento concedido a Sônia Ranincheski EM 1998. IN: RANINCHESKI, Sônia (org.). *História, poder local e representação: A Câmara de Vereadores de Canoas*. Canoas: La Salle, 1998.

### Fontes Impressas

*Gazeta de Notícias*, Canoas. UPHAM/AHC.

*O Gaúcho*, Canoas. UPHAM/AHC.

*Última Hora*, Porto Alegre. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.



## Fontes Publicadas

- FUNDAÇÃO CULTURAL DE CANOAS (Coord.). *História dos Nossos Prefeitos: Edgar Braga Fontoura*. Canoas: Fundação Cultural de Canoas/Prefeitura Municipal de Canoas, 1998a. (Série Documento-v.1)
- \_\_\_\_\_. (Coord.). *História dos Nossos Prefeitos: Alúcio Palmeira Escobar*. Canoas: Fundação Cultural de Canoas/Prefeitura Municipal de Canoas, 1999. (Série Documento-v.2).
- \_\_\_\_\_. (Coord.). *História dos Nossos Prefeitos: Nelson Paim Terra*. Canoas: Fundação Cultural de Canoas/Prefeitura Municipal de Canoas, 1998b. (Série Documento – v.3).
- \_\_\_\_\_. (Coord.). *História dos Nossos Prefeitos: Sady Fontoura Schivitz*. Canoas: Fundação Cultural de Canoas/Prefeitura Municipal de Canoas, 2003. (Série Documento – v.4).
- \_\_\_\_\_. (Coord.). *História dos Nossos Prefeitos: Sezefredo Azambuja Vieira*. Canoas: Fundação Cultural de Canoas/Prefeitura Municipal de Canoas, 2004. (Série Documento – v.5).
- \_\_\_\_\_. (Coord.). *História dos Nossos Prefeitos: José João de Medeiros*. Canoas: Fundação Cultural de Canoas/Prefeitura Municipal de Canoas, 2005. (Série Documento – v.6).
- \_\_\_\_\_. (Coord.). *História dos Nossos Prefeitos: Hugo Simões Lagranha*. Canoas: Fundação Cultural de Canoas/Prefeitura Municipal de Canoas, 2006. (Série Documento – v.7).
- KLOCKNER, Luciano. *O Diário Político de Sereno Chaise: 60 anos de História*. Porto Alegre: AGE Editora, 2007.
- PENNA, Rejane. (coord.). *Centro*. Canoas: La Salle, 2004a. (Canoas: para lembrar quem somos v.3).
- \_\_\_\_\_. *Niterói*. Canoas: La Salle, 2004b. (Canoas: para lembrar quem somos v.2).
- \_\_\_\_\_. *Rio Branco*. Canoas: La Salle, 2004c. (Canoas: para lembrar quem somos v.1).
- PFEIL, Antônio Jesus. *Canoas- Anatomia de uma cidade*. V2. Canoas, Ed. Independente, 1995.
- RANINCHESKI, Sônia (org.). *História, poder local e representação: A Câmara de Vereadores de Canoas*. Canoas: La Salle, 1998.
- SILVEIRA, Norberto da. *Reportagem da Legalidade*. Porto Alegre, NS Assessoria em Comunicação Ltda., 1991.

## BIBLIOGRAFIA

### Geral

- ANGELI, Douglas S. Memória política: o Partido Trabalhista Brasileiro em Canoas entre 1962 e 1965. IN: *Conhecimento Online*, Feevale, Novo Hamburgo, setembro de 2011.
- BEMFICA, Flávia. *Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul: Desconstruindo mitos*. Dissertação (Mestrado em História), Porto Alegre, PUCRS, 2007.
- BODEA, Miguel. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.
- BOMBARDELLI, Maura. *Por um trabalhismo autêntico: a cisão do Partido Trabalhista Brasileiro e a criação do Movimento Trabalhista Renovador (1959-1960)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Porto Alegre, UFRGS, 2010.
- BRANDALISE, Carla. Os representantes do povo: o desafio da legalidade no Legislativo Rio-grandense. In: NOLL, Maria I. (et al.). *O movimento da legalidade: Assembleia Legislativa e mobilização política*. Porto Alegre: Webprint, 2011.
- CÁNEPA, Maria Mercedes Loguercio. *Partidos e Representação Política: a articulação nos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945 – 1965)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- CARDOSO, Claudira S.C. *O Integralismo no processo político gaúcho: a máquina partidária do PRP e seus dirigentes (1945/1965)*. Tese (Doutorado em Ciência Política), Porto Alegre, UFRGS, 2009.
- \_\_\_\_\_; FLACH, Ângela. O Sistema Partidário: a redemocratização (1945-1964). IN: Gertz, René (dir.). *História Geral do Rio Grande do Sul. República, v.4*. Passo Fundo: Ed. Méritos, 2007.
- CORTÉS, Carlos. *Política Gaúcha (1930-1964)*. Porto Alegre, Ed. Pucrs, 2007.
- CRUZ, João Batista Carvalho da. *Da formação ao desafio das urnas: o PTB e seus adversários nas eleições estaduais de 1947 no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2010.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder: O PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945-1964)*. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 167-293.
- \_\_\_\_\_. *Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia*. IN: Ferreira, Jorge e Delgado, Lucília A. N.(org.). *O tempo da experiência democrática. Vol.3*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira, 2003.
- FELIZARDO, Joaquim J. *A Legalidade: o último levante gaúcho*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988.
- FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A estratégia do confronto: a Frente de Mobilização Popular*. IN: *Revista Brasileira de História*. v.24, nº 47, 2004. pp. 181-212.
- \_\_\_\_\_. *Entre a história e a memória: João Goulart*. IN: Ferreira, Jorge; Reis, Daniel A. (org.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a. (As esquerdas no Brasil. V2.).

\_\_\_\_\_. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. IN: Ferreira, Jorge e Delgado, Lucília A. N.(org.). *O tempo da experiência democrática. Vol.3.* Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular. IN: Ferreira, Jorge; Reis, Daniel A. (Org.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007b, pp. 543-583. (As esquerdas no Brasil. V2.).

GOMES, Ângela de Castro. Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base. In: Ferreira, Jorge; Reis, Daniel A. (Org.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 53-82. (As esquerdas no Brasil. V2.).

\_\_\_\_\_. Brizola e o Trabalhismo. IN: *Anos 90: Revista do programa de Pós-Graduação em História/UFRGS*. v. 11, nº 19/20, janeiro/dezembro de 2004. p. 11-20.

HARRES, Marluza M. Rio Grande do Sul: governo Leonel Brizola e a Questão agrária no início da década de 60. IN: *Anos 90: Revista do programa de Pós-Graduação em História/UFRGS*. v. 18, nº 33, julho de 2011. p. 99-127.

HIPÓLITO, Lúcia. *PSD: de raposas e reformistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1985.

KARNIKOWSKI, Romeu M. *Uma contribuição ao estudo do Trabalhismo no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), UFRGS, Porto Alegre, 1999.

MIRANDA, Samir P. *Projeto de desenvolvimento e encampações no discurso do governo Leonel Brizola: Rio Grande do Sul (1959-1963)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), UFRGS, Porto Alegre, 2006.

OLIVEIRA, Lisandre Medianeira de. *O PSD no Rio Grande do Sul: o diretório mais dissidente do país nas “páginas” do Diário de Notícias*. Tese (Doutorado em História), Porto Alegre, PUCRS, 2008.

RIGHI, Graziane Ortiz. *A radicalização do PTB no período pré-golpe: um estudo de caso da Câmara Municipal de Vereadores de Gravataí*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). UFRGS, Porto Alegre, 2011.

ROLIM, César Daniel de A. *Leonel Brizola e os setores subalternos das Forças Armadas Brasileiras: 1961-1964*. Dissertação (Mestrado em História). UFRGS. Porto Alegre, 2009.

TRINDADE, Héliogio. Padrões e tendências do comportamento eleitoral no Rio Grande do Sul (1950/1974). IN: Cardoso, Fernando H.; Lamounier, Bolívar(org.). *Os partidos e as eleições no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_; NOLL, Maria I. “A redemocratização de 1945: A herança político-eleitoral”. IN: *Estatísticas Eleitorais do Rio Grande da América do Sul 1823/2002*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

VIEGAS, Danielle H. *Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade: Um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)*. Dissertação (Mestrado em História), PUCRS, Porto Alegre, 2011.

VIEIRA, Celiane W. R. *O Comportamento dos vereadores do PTB durante a radicalização política em 1963*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). UFRGS, Porto Alegre, 2011.

## Teórica e Metodológica

- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BERSTEIN, Serge. Os partidos. IN: Rémond, Réne (org). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 57-98.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. [1989] *O poder simbólico*. [12. ed.] Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- CARVALHO, Francismar A. L. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. In: *Diálogos- Revista do Departamento de História da UEM*, v. 9, n. 1, Maringá, 2005, pp. 143-165.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, pp. 61-80.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- HARRES, Marluza M. História Oral: algumas questões básicas. IN: *Anos 90: Revista do programa de Pós-Graduação em História/UFRGS*. v. 15, nº 28, dezembro de 2008. p. 99-112.
- PINTO, Céli Regina Jardim. O poder e o político na teoria dos campos. In: *Veritas: revista trimestral de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS*, Porto Alegre, vol. 41, n. 162, junho de 1996.
- PROST, Antoine. *Doze lições de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SARTORI, Giovanni. *Partidos e Sistemas Partidários*. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1982.
- SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e do carisma*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- WEBER, Max. *Economia y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

## ANEXOS


## Anexo I – Lista de Diretórios Distritais do PTB em Canoas

Proporho: que para a esco-  
lha dos candidatos a vere-  
dor, seja adoptado o seguinte  
critério: dentro do respectivo  
electoral, de cada reduto os  
presidentes de directórios in-  
diquem dois candidatos  
isto é, no maximum dois ou  
tres, levando em conta 1.<sup>a</sup>  
Capacidade intelectual pres-  
tigio electoral - disciplina par-  
ticular - e se for desempregado  
cabeo publico ter um bom  
passado, ou seja em que o  
candidato que preencher estes  
requisitos, esteja em condições  
de disputar, uma vaga na  
Comença. do Partido.

Viteroy -	3
Dio Branco.	3
Sta Rita	2
MORRITES -	2
Harmonia -	2
Vila Fernandes -	2
Chacota Barreto	2
Vila São Luiz -	2
Centro Causas -	3
Matias Velho -	3
Mato Grande -	2
Estância Velha	2
Zona Militar	2



**Anexo II – Nota do prefeito Hugo Simões Lagranha relacionada às críticas recebidas devido à exoneração de duas funcionárias.**

  
 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
 PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS  
 GABINETE DO PREFEITO

Canoas, 9 de janeiro de 1964

Acusaram-me na Câmara Municipal de Vereadores, de ter exonerado uma servente com seis (6) anos de serviços prestados nesta Prefeitura. Porém verificando os arquivos existentes nesta Câmara constatamos que, o tempo exato que a referida servente trabalhou, foi três (3) anos e onze (11) meses, não havendo portanto completado quatro anos de serviços.

No entanto julgamos necessário tornar público que o governo anterior, admitiu a servente Sta. IDE SOUZA, pagando o modesto salário de Cr\$ 6.000,00, sem que nós sobressamos por onde iríamos paga-la, verdadeiro salário de miséria e de fome.


Demitida a servente, Senhora DIAMANTINA DA SILVA PIOLRES, com quarenta e oito (48) anos de idade, que não tinha a capacidade de trabalho da servente IDE DE SOUZA, procurei corrigir as injustiças, mandando imediatamente regularizar sua situação, para que o poder Municipal não seja indicado como não cumpridor das leis trabalhistas, no tocante ao salário mínimo.

Continuaremos dentro das normas, havendo cumprimento fiel das obrigações dentro desta Casa, indiferente de posições partidárias.

Este governo não tem em vista perseguições partidárias ou melhor políticas, tanto prova que o Senhor WILSON VASCO DA SILVA, considerado por nós de confiança, foi designado para Superintendente das Feiras Livres, pertencendo como é sabido, aos quadros de um partido digno partido, que não nos deu apoio durante nossa campanha eleitoral. O senhor DEOCLECIO RODRIGUES, nas mesmas condições do Senhor VASCO, lhe foi atribuída uma função de confiança, para cuidar dos serviços considerados de Utilidade Pública, como barcas, sanitárias, curral e limpeza pública.

Aproveitamos a oportunidade para adiantar, que outras movimentações funcionais, serão feitas para melhor funcionamento da máquina administrativa.

E ainda para melhor julgamento da atitude tomada por este Executivo, é necessário que se torne do conhecimento do amigo, que, conforme panfleto "Apelo a População" encabeçado pela Liga da Sociedade Trabalhista de Canoas, para divulgação da Campanha de agasalho para os pobres de nossa Cidade. Assinaram o referido panfleto, inclusive divulgando, meus respectivos endereços de residência e função pública, que ainda atualmente estão sendo utilizados na atual administração.

  
 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
 PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS  
 GABINETE DO PREFEITO

PODER JUDICIÁRIO

Canoas, 11 de janeiro de 1964

Nilton Leal  
 Manoel P. dos Santos  
 João Selvero do Rêgo  
 Daniél Millan  
 Nilton Alves  
 José Maria Ribeiro da Silva  
 Sílvio M. Dussarrat  
 José Camilo da Silva

Os funcionários acima citados, continuarão exercendo seus cargos na atual administração, até o momento que seus prêmios forem julgados úteis para movimentar a máquina administrativa de nossa gestão.

Sendo o que se me oferece, aproveito o ensejo para renovar-lhe os meus protestos de elevado apreço e distinta consideração.

Com o presente, estou encaminhando a V. S. o sentenciado IVO LUIZ BASTOS, para de dez meses de detenção, pena na cadeia Civil desta cidade, a quem se segue  
**HUGO SIMÕES LAGRANHA** cumprir a  
 Prefeito Municipal

